



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

VANESSA ANDRADE DE FREITAS

EDUCAÇÃO PELA PEDRA: MEDIAÇÕES EM ARTE RUPESTRE DE ALCINÓPOLIS-MS

Campo Grande – MS
2025

VANESSA ANDRADE DE FREITAS

**EDUCAÇÃO PELA PEDRA: MEDIAÇÕES EM
ARTE RUPESTRE DE ALCINÓPOLIS-MS**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Artes Visuais
- Licenciatura, da Universidade Federal
de Mato Grosso do Sul, como requisito à
obtenção do título de Licenciada em
Artes Visuais, sob orientação da Profa.
Dra. Rozana Vanessa Fagundes
Valentim de Godoi.

VANESSA ANDRADE DE FREITAS

**EDUCAÇÃO PELA PEDRA: MEDIAÇÕES EM
ARTE RUPESTRE DE ALCINÓPOLIS-MS**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de Artes Visuais -
Licenciatura, da Universidade Federal de
Mato Grosso do Sul, como requisito à
obtenção do título de Licenciada em Artes
Visuais sob orientação da Profa. Dra.
Rozana Vanessa Fagundes Valentim de
Godói.

Campo Grande, MS ____de____de 2025

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Rozana Vanessa Fagundes Valentim de Godói
Universidade Federal do Mato Grosso Do Sul

Profa. Ma. Laura Roseli Pael Duarte
Universidade Federal do Mato Grosso Do Sul

Profa. Dra. Simone Rocha de Abreu
Universidade Federal do Mato Grosso Do Sul

DEDICATÓRIA

*Para aqueles que vieram antes,
E para aqueles que ainda virão.
Porque desde que há humanidade, há um
ato de criação.
Sempre houve quem riscasse o mundo,
marcando com as mãos.*

(Produção da autora).

AGRADECIMENTO

Como nas paredes das cavernas e na arte rupestre, por vezes, aparecem registros de impressões de mãos, as mãos que marcaram esta pesquisa foram diversas. Penso que sou um mosaico de todas as pessoas que passam pela minha vida, fazendo incisões e se abrigando na gruta que é meu coração. Nesse sentido, primeiramente gostaria de agradecer à cidade que possibilitou a existência deste trabalho, Alcinópolis, e aos seus habitantes, como os guias turísticos e as professoras entrevistadas. Mas, muito além destes, fui acolhida por moradores e pesquisadores do município, sendo constantemente motivada pela curiosidade e criatividade, trabalhando na pintura da praça, da escola municipal, nas oficinas de cerâmica com o grupo Mãos que Moldam e, dentre tantas outras vivências, que permanecerão.

Por isso, agradeço à minha orientadora, Prô Rozana, pelas viagens emocionantes, como a CONFAEB em São Luís do Maranhão e inúmeras cidades do interior do Mato Grosso do Sul que conheci graças a ela. Também agradeço por me inspirar a ser professora e por me ensinar tanto sobre a profissão docente e arte.

Meus agradecimentos à banca desta pesquisa: à Prô Simone, que eu admiro muito, sendo tão divertida e de humor admirável, e à Laura, que foi uma base essencial, contribuindo muito para o meu aprendizado.

Gostaria de agradecer, principalmente, com todo meu amor, à minha família. Mesmo longe, separados por outro estado, estiveram me abençoando e me fortalecendo em tudo que foi preciso no tempo da minha graduação. Obrigada, mãezinha, Ju, vó, pai e, em memória, meu avô, pelo apoio que permaneceram vivos em mim.

Obrigada, Ana, minha querida amiga, que, durante a graduação, fez tudo ser leve e encantador. Você me fez amar ainda mais a licenciatura e perceber os doces da docência, os saberes e sabores. Obrigada, Ramon e Helen, por me ajudar tantas vezes durante a preparação deste trabalho e por estarem comigo nos momentos em que mais precisei. A vida é boa, mas é muito melhor com vocês.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo investigar os processos de ensino sobre arte rupestre na cidade de Alcinópolis, situada no estado de Mato Grosso do Sul e reconhecida como: A capital estadual da arte rupestre. Esse estudo foi realizado a partir da abordagem metodológica da história oral, juntamente com uma pesquisa de campo, com isso, foi realizado entrevistas com dois guias turísticos e duas professoras residentes do município para compreender os percursos da mediação sobre a arte rupestre a partir dos sujeitos mediadores desse conhecimento, nos contextos escolares e nos espaços de visitação aos sítios arqueológicos. Esse trabalho surgiu a partir de experiências pessoais realizadas durante visitas à cidade, que oportunizaram uma conexão com a história e a cultura. Também, por meio do contato com a prefeitura e as secretarias, o museu Casa da Memória, o contato com os moradores do município e principalmente a aproximação com as escolas e dos sítios arqueológicos conhecidos. Por meio dessas vivências, foi possível elaborar cadernos de viagem nos quais os estudantes do curso de Artes Visuais da UFMS produziram desenhos que foram utilizados ao longo desta pesquisa como objetos propositores. Espera-se que este estudo contribua para uma maior compreensão dos processos educativos relacionados à arte rupestre no município.

Palavras-chave: Arte Rupestre; Mediação; Educação; Objeto Propositor; Artes Visuais

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa com localização de Alcinópolis (MS).....	15
Figura 2: Fotografias da Casa da Memória.....	17
Figura 3: Fotografias da Casa da Memória.....	17
Figura 4: Foto da Romilda Costa Carneiro	20
Figura 5: Foto da escola estadual Romilda Costa Carneiro.....	21
Figura 6: Estátua do busto da professora Romilda Costa Carneiro	22
Figura 7: Localização dos sítios de arte rupestre do Município de Alcinópolis	27
Figura 8: Imagem dos pilares do sítio arqueológico.....	32
Figura 9: “Guardião” do Templo dos Pilares	32
Figura 10: Mapa localização do Templo dos Pilares.....	33
Figura 11: Pintura Monocromática de óxido de ferro	35
Figura 12: Painel misto de Gravuras e Pinturas.....	35
Figura 13: Painel misto de Gravuras e Pinturas 2.....	35
Figura 14: Petroglifos, Gravuras geométricas.....	35
Figura 15: Paisagem vista acima do Templo dos Pilares	36
Figura 16: Painel de Pinturas Rupestres na Gruta do Pitoco.....	38
Figura 17: Fragmento da caverna com petroglifos tridáctilos “Vulvas”	38
Figura 18: Grafismo em formato de “Diamante”.....	38
Figura 19: Passarela de madeira da Gruta do Pitoco	39
Figura 20: Vandalismo na Gruta do Pitoco	40
Figura 21: Mapa com a localização do sítio Barro Branco (MS-AL-04)	41
Figura 22: Cara do Bezerra.....	42
Figura 23: Impressão de mão e “+++”.....	42
Figura 24: Painel de pinturas da Gruta do Barro Branco	43
Figura 25: Aluna de Artes Visuais desenhando no sítio arqueológico	48
Figura 26: Desenho da passarela e pilares do sítio Templo dos Pilares	50
Figura 27: Desenho dos pilares e descrição da experiência da visita ao sítio	50
Figura 28: Desenho dos Pilares com pinturas rupestres	50
Figura 29: Desenho do rosto do Guardião lápis de cor e caneta	50
Figura 30: Desenho do rosto do guardião em grafite.....	51
Figura 31: Rosto do guardião em aquarela.....	51
Figura 32: Desenho de paisagem	51
Figura 33: Instalação Primeira Pedra, 2015.....	53
Figura 34: Objeto sensorial - Pedra e Ar.....	60

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Códigos de registro e nomes populares dos sítios	27
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A HISTÓRIA DE UM ESPAÇO: ALCINÓPOLIS, A CAPITAL ESTADUAL DA ARTE RUPESTRE	14
1.1 A história de um início: o papel da escola na formação de Alcinópolis	18
1.2 Espaços da história: os sítios arqueológicos de Alcinópolis	24
1.3 Templo dos Pilares	30
1.4 Gruta do Pitoco	37
1.5 Gruta do Barro Branco	40
2. ARTE RUPESTRE: MEDIAÇÕES E PROPOSIÇÕES	44
2.1 Cadernos de Viagem	48
3. HISTÓRIAS QUE GUIAM	53
3.1 Histórias que Ensinam	60
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	67
REFERÊNCIAS	69
APÊNDICE A	75
APÊNDICE B	77
APÊNDICE C	78
PROJETO DE CURSO	79
APÊNDICE D	98

INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso pretende investigar os processos de ensino sobre arte rupestre do município de Alcinópolis, no estado do Mato Grosso do Sul, reconhecida como a capital da arte rupestre no estado. Considerando os processos de ensino, a pesquisa busca entender principalmente os percursos de mediação, isto é, compreender a mediação acerca do ensino de arte rupestre de Alcinópolis. Mais especificamente, a pesquisa propõe aprofundar-se a respeito dos sujeitos mediadores desse conhecimento, tanto nos contextos educacionais, ou seja, nas escolas, quanto nos espaços de visitação aos sítios arqueológicos.

O título *“Educação pela Pedra”* é dotado de significações que se construíram ao longo da pesquisa. Primeiramente, inspirado pela poesia de Carlos Drummond de Andrade, com *“No meio do caminho”* (Andrade, 2016). Com a ideia de que havia uma pedra, que interrompe o caminho e de repente se torna o centro da narrativa, assim como inesperadamente, visitando Alcinópolis em uma viagem acadêmica, esse tema fez parte da formação da autora, tornando-se um atravessamento, uma pedra no percurso que desencadeou um ponto de partida, mas também chegada. Assim, como na frase *“Pedras no caminho? guardo todas. Um dia vou construir um castelo”* (Autor desconhecido).

Desse modo, a pesquisa surgiu não como empecilhos, em que as pedras representam obstáculos, mas é simbolicamente relacionada com a memória, com a história, tal como as do período paleolítico, as pedras lascadas ou polidas, que sofrem transformações apesar da rigidez. Certa vez, a orientadora desta pesquisa disse: *“A gente ensina com uma pedra”* e é essa reflexão que o título carrega, que através da interação e curiosidade, somos capazes de iniciar um processo educativo por meio da mediação, ainda que por vezes, nos contextos escolares, o recurso didático seja limitado e em consequência, a prática docente se reinventa a partir de objetos simples do cotidiano. Como exemplificado, até mesmo com uma pedra pode ser capaz de se tornar um recurso que provoque um olhar investigativo nos alunos. Conforme aponta Martins (2018) sobre os estranhamentos, as surpresas, as *resistências* podem ser capazes de iniciar aberturas para diálogos e ampliar horizontes. Esta viagem ao município de Alcinópolis, também oportunizou estudantes do curso de Artes Visuais a

elaborarem cadernos de desenho, dos quais, alguns, serão anexados e analisados nesta pesquisa

Os teóricos que acompanham este trabalho são Gilson Martins e Emília Kashimoto (2012), Laura Duarte (2018), Clara Nepomuceno (2023), Rodrigo Aguiar (2016), Thaiane Lima (2018) para fundamentar teoricamente sobre Alcinópolis e arte rupestre, Mirian Celeste Martins (2018) para fundamentar a respeito de mediações e Paulo Freire (2022), bell hooks (2020), Rubem Alves (1994) e Certeau (2014) como suporte de reflexões sobre educação, além disso, o autor José Meihy (2023) sendo uma base para fundamentar acerca da história oral.

Portanto, se faz necessário apresentar o método de pesquisa utilizado, que se baseia fundamentalmente na história oral, pelo principal objetivo da pesquisa que consiste em trabalhar com a oralidade, memória e identidade. A história oral fundamenta este trabalho, justamente pela relação de contato com uma história que acontece em tempo presente, visto com base no que Meihy argumenta:

História oral é um recurso moderno usado para a elaboração de registros, documentos, arquivamentos e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do **tempo presente** e também conhecida como **história viva**. (Meihy, 2023, p.17)

Essa abordagem metodológica é fundamental, pois registra relatos por meio da oralidade, além disso, essas investigações podem oportunizar um retorno aos sujeitos entrevistados, tornando-se uma via de mão dupla, ou seja, ocorre em processos dialógicos. Em síntese, produzir uma pesquisa que favorece uma devolutiva às pessoas contribuintes, favorece também o processo de cooperação, onde o entrevistado da pesquisa não seja meramente um sujeito passivo, ouvinte ou falante em modo quase automático, reativo de maneira indiferente. A intenção é justamente a qual Freire (2021) esclarece que “Afiml, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história” (Freire, 2022, p. 53).

Sobretudo, os sujeitos da história a qual são pertencentes, de suas localidades, de suas vivências particulares que são a essência desta pesquisa. Reúne relatos orais sobre suas experiências, não sendo meramente “objetos” neste trabalho, mas são essencialmente o fundamento, são a base a partir da coleta de dados das suas histórias, de seus depoimentos.

Por essa razão, também é utilizado uma pesquisa de campo, no qual se propõe

apresentar uma realidade a qual não é plenamente pertencente à autora, visto que é oriunda da capital sul-mato-grossense que migra ao norte do estado para o município de Alcinópolis. Em decorrência ao fato, ao entrelaçar a pesquisa oral com as fontes coletadas e organizadas da pesquisa de campo referente a cidade, afinal, a presença no mundo a qual estão inseridos, no contexto da cidade que habitam, ocorre uma presença cotidiana com o vínculo do território dos entrevistados.

Dessa maneira, trabalhar com uma pesquisa de campo juntamente com a história oral se faz necessário, pois nossas memórias se entrelaçam com o espaço, com o lugar. Os residentes entrevistados de Alcinópolis são pertencentes à comunidade e possuem maior integração com as ações desenvolvidas no município e ainda, estão inseridos em um contexto profissional onde podem ter maior acesso à história do município, diferente da autora que viaja em tempos determinados à região, eles ocupam a cidade com uma relação de conexão mais profunda com a terra à qual pertencem, possibilitando um relato através da memória sustentado pelo vínculo a da vivência cotidiana.

Os entrevistados desta pesquisa foram selecionados a partir da relação de entendimento sobre “mediação”, de quem orienta uma aproximação do conteúdo central desta pesquisa, sendo a arte rupestre, e nos leva a pergunta sobre “Quem são os sujeitos que conduzem o aprendizado deste tema na cidade?” Nesse viés, optou-se por estruturar a pesquisa a partir dos relatos de duas professoras de Alcinópolis que receberam pseudônimos, sendo a: Professora Barro Branco, uma pedagoga formada pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul e a Professora Pitoco, educadora da disciplina específica de Artes, formada pelo Centro Universitário Claretiano. Outros dois entrevistados desta pesquisa são dois guias turísticos que mediarão as visitas dos sítios arqueológicos, a qual as mediações foram observadas pela autora em ocasiões que esteve presente, e no contexto da pesquisa, serão identificados, como: Guia Templo, licenciado em história e o Guia Pilares que é diretor do departamento de planejamento ambiental. Ambos os entrevistados foram selecionados para, a partir de suas narrativas, ampliar o entendimento sobre os percursos de visita e na reflexão da pesquisa a respeito de mediação diretamente relacionada aos sítios arqueológicos e a arte rupestre.

Para a fundamentação a respeito da mediação, utilizou como base, a autora Martins, que já esteve participando de ações nos sítios arqueológicos do município.

Para a autora:

Um território potente e de tensões que abrange estranhamentos, surpresas, choque, indignação, afinidades, gostos, resistências, aberturas, diálogos, trocas, percepções ampliadas, empatia, alteridade. Assim, considerando o ser humano como um ser histórico e social inserido em sua cultura, **a mediação é compreendida como interação e diálogo que valoriza e dá voz ao outro**, ampliando horizontes que levam em conta a singularidade dos sujeitos em processos educativos na escola ou fora dela. Podemos denominá-la como “**mediação cultural**”. (Martins *apud*- Instituto Brasileiro de Museus, 2018 p. 85).

Para atender o objetivo desta pesquisa o trabalho será desenvolvido em três capítulos, a saber:

O Capítulo 1 aborda o município de Alcinópolis, situando sua localização e discutindo o espaço territorial que o constitui, assim como os sítios arqueológicos selecionados, sendo estes: Templo dos Pilares, Gruta do Pitoco e Gruta do Barro Branco, que abrigam a arte rupestre nesse cenário arqueológico regional.

O Capítulo 2 apresenta os conceitos de proposição e mediação e discute de que maneira esses processos ocorrem nos sítios arqueológicos. Para isso, analisa desenhos presentes nos cadernos de viagem produzidos por estudantes de Artes Visuais que visitaram o município, bem como a atuação dos guias locais, que mediam o percurso das trilhas por meio de relatos orais dirigidos a visitantes e turistas.

O capítulo 3 contextualiza o conceito de história oral como metodologia de pesquisa, para compreender os percursos da mediação acerca da arte rupestre. Apresenta os sujeitos de pesquisa, sendo dois guias turísticos e duas professoras e analisa as narrativas coletadas no momento das entrevistas realizadas na pesquisa.

Por fim, espera-se com essa pesquisa conhecer as práticas metodológicas desenvolvidas pelas professoras no município sobre a arte rupestre de Alcinópolis e como a mediação acontece nos sítios arqueológicos e na sala de aula e como esses sítios podem ser parte significativa no estudo sobre arte rupestre em Mato Grosso do Sul.

1. A HISTÓRIA DE UM ESPAÇO: ALCINÓPOLIS, A CAPITAL ESTADUAL DA ARTE RUPESTRE

Ao documentar a história de uma região, primeiramente, é preciso especificar suas origens, isso inclui suas fundações históricas e geográficas que possibilitam compreendermos melhor o espaço do lugar que esta pesquisa investiga.

Para Certeau, o autor defende que “É um lugar a ordem (qualquer que ela seja) segundo a qual os elementos são distribuídos em relações de coexistência.” (2014, p. 184). Em síntese, o lugar é uma ordem de configuração espacial que se distribuem elementos. Em contrapartida, o autor argumenta em uma metáfora urbana que o “Espaço é um cruzamento de móveis [...] O espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam [...] O espaço estaria para o lugar como a palavra é falada [...] Em suma, *o espaço é um lugar praticado*.” (Certeau, 2014, p.184), ou seja, somente quando o lugar é ocupado e ressignificado por sujeitos que o praticam, o lugar se redefine, tornando-se um espaço.

O espaço do lugar, as quais são a configuração da cidade, tem seus processos históricos e culturais que influenciam na construção de sua identidade. O autor Silva define a identidade como um conjunto de processos de relações e construções, logo ela não é permanente, fixa (Silva, 2000). A identidade está sempre em processo de construção, é constante e dialógica com os processos sociais. O educador Paulo Freire argumenta que “Onde há vida, há inacabamento” (Freire, 2022, p.50). Isso implica que, enquanto em um lugar existir vida, existe também um estado de incompletude.

Portanto, é relevante considerarmos ao pesquisar sobre história de uma cidade, a importância de compreendê-la para além do lugar como mera configuração espacial, mas considerarmos os aspectos sociais e históricos que permanecem em inacabamento, desse modo, influenciando na formação da identidade do município.

O lugar é uma configuração do espaço físico, todavia, pesquisar e documentar a história de uma cidade é dialogar com uma história que é inacabada, porque está viva. Para Rüsen (2007), em seu livro “História viva”, o autor argumenta que “O saber histórico desempenha sempre funções na vida cultural do tempo presente” (Rüsen, 2007 p. 10) ou seja, ainda que na história os eventos ocorram em tempo passado, as influências dos acontecimentos interferem na vida cultural do tempo presente, podendo assim, justificar as culturas e identidade de uma região.

Nesse caso, especificamente estamos apresentando o município de Alcinópolis, situado na região sul do centro-oeste do Brasil e no norte do estado do Mato Grosso do Sul, próximo à fronteira com o estado do Mato Grosso. Ademais a cidade está localizada aproximadamente a 315 km de distância da capital sul-mato-grossense, Campo Grande, fazendo divisa com as cidades de Coxim, Figueirão, Costa Rica, Pedro Gomes e Camapuã.

Referente ao aspecto geográfico de Alcinópolis é relevante considerarmos que o município se insere em um corredor ecológico Emas - Taquari/Cerrado-Pantanal, estando localizado ao norte do estado sul-mato-grossense que está conectado à biodiversidade do pantanal e do cerrado (Aguiar, 2012 *apud* Inocêncio, Goana, 2017). Dessa forma, a região pertence a um conjunto de unidades de conservação do bioma cerrado da biosfera do pantanal, em consequência, é considerada um corredor ecológico de biodiversidade e de gestão de paisagens, com diversidades biológicas com fluxo gênico de espécies, recheado de pluralidades naturais predominantes nesses biomas (Inocêncio, Goana, 2017, p.1).

Logo abaixo, está localizada a figura 1, sendo este um mapa indicando a localização de Alcinópolis em relação ao estado do Mato Grosso do Sul.

Figura 1: Mapa com localização de Alcinópolis (MS)



Fonte: Localização do Município de Alcinópolis no estado do Mato Grosso do Sul (Souza; Aguiar, 2017, p.120).

Conforme indicado no mapa acima de Souza e Aguiar (2017), Alcinópolis nesse período, já havia se tornado uma cidade consolidada, entretanto em seu passado, a cidade era unificada com o município de Coxim, e foi só em abril de 1992 ocorreu a emancipação destes territórios. (Nepomuceno, 2023, p.8).

Ademais, é relevante considerarmos sobre a história de Alcinópolis, que o município passou a ser mais fortemente povoado em 1975. A intenção de fomentar a formação populacional de Alcinópolis, começou com o objetivo de facilitar as condições de vida dos moradores das fazendas que residiam distantes da área urbana de Coxim (Duarte, 2018, p.106).

Importante mencionar que na busca de dados e coleta de materiais para a construção dessa pesquisa, fontes como vídeos, fotos pessoais, relatos, foram sendo incluídos no escopo de referências, assim, assistindo um vídeo no Youtube que faz parte do canal da Rede Educativa MS (2023)¹, Márcia Izabel de Souza, moradora da cidade e servidora pública do município, faz a descrição sobre o início da formação do município, no vídeo mencionado, ela relata que o município foi fundado a partir de uma vila onde se reunia muitos fazendeiros vizinhos, dessa forma, abriu-se uma interligação formando a BR 359, inaugurada em 19 de agosto de 1985 que conectava à cidade de Coxim a outros municípios, na intenção de expandir o crescimento da população, em função disso, foi capaz de facilitar a locomoção e aproximar rotas mais distantes. Márcia, também explica que houve a junção desses fazendeiros residentes da vila, com o objetivo de que fosse possível desbloquear a estrada.

Percebe-se, portanto, pelos registros de fotos expostas no museu “Casa da Memória”, localizado na secretaria de meio ambiente de Alcinópolis, tratoristas abrindo o caminho da BR 359. De outro modo, a intenção de abrir a estrada foi mobilizada a partir dos fazendeiros que se uniram com seus tratores. Foi uma ação coletiva, motivada pela intenção de viabilizar o acesso.

Logo abaixo, estão anexadas duas fotografias (figura 2 e 3), captada em 2023, na primeira visita da autora à Alcinópolis, através do projeto Trilha Rupestre, a “Casa da Memória”.

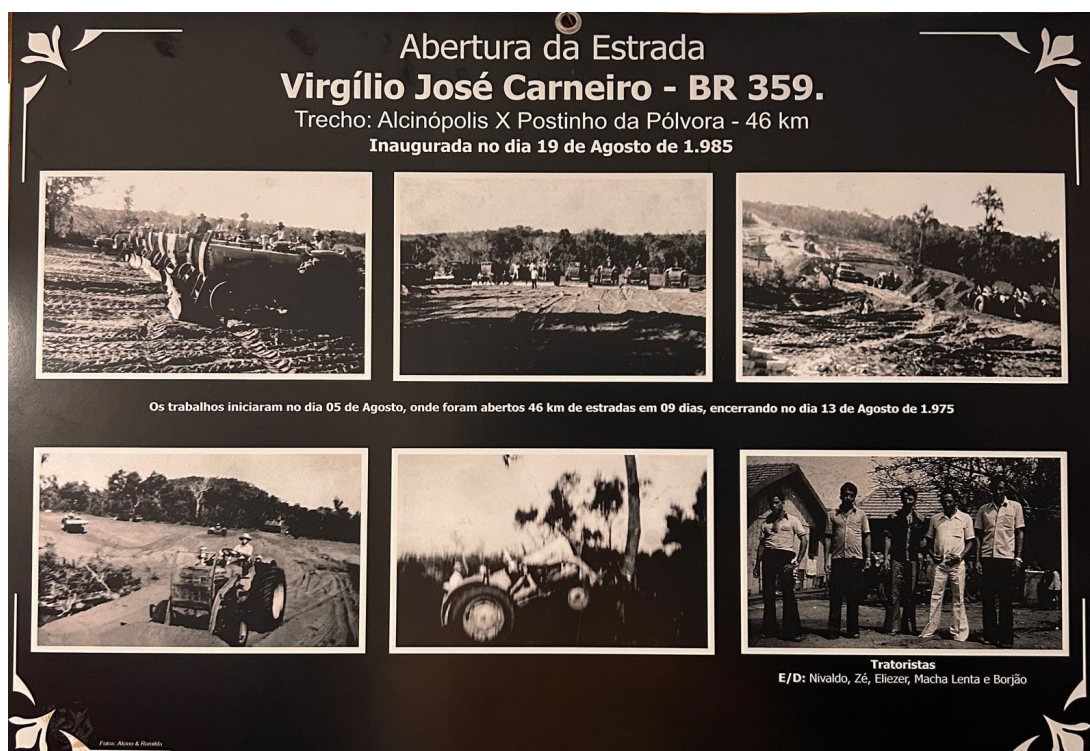
¹ Disponível em: <https://youtu.be/LAuFuuf15nE?si=CfESG4K50zmkGW0k>

Figura 2: Fotografias da Casa da Memória



Fonte: Acervo pessoal. 2023

Figura 3: Fotografias da Casa da Memória



Fonte: Acervo pessoal. 2023

Em relação ao povoamento da cidade, é relevante considerarmos que devido

a essa diversidade de fronteiras que Alcinópolis perpassa, acaba facilitando o surgimento dos moradores vindos de cidades vizinhas do estado sul-mato-grossense, inclusive de estados próximos como o caso de Goiás, Mato Grosso, São Paulo e Minas Gerais (Duarte, 2018, p.106). Assim, formando a quantidade de moradores que recentemente o IBGE(2022) mensurou 4.537 habitantes.

O educador Paulo Freire expressa sobre a capacidade humana de transformações na história, considerando que “Somos seres *condicionados, mas não determinados*. Reconhecer que a história é o tempo de possibilidades e não de *determinismo*” (Freire, 2022, p.20). Assim, com relação a tudo o que já foi explicitado sobre a origem da cidade de Alcinópolis, é relevante considerarmos que a história não é um processo estático, permanente, determinado, mas contrariamente, são processos que permanecem em constante movimento, operando de forma incessante e contínua.

Considerando que a emancipação de Alcinópolis, antes distrito de Coxim, é um processo recente, podemos compreender a construção histórica do município como parte da história do tempo presente. Para Delgado e Ferreira o tempo presente “constitui-se como realidade temporal propícia à construção de relatos e registros de lembranças” (Delgado; Ferreira, 2014, p. 9). Isso implica que o tempo presente é a realidade temporal que nos é acessível e as experiências continuam em acontecimento, o presente é dinâmico, onde a vida ocorre e as memórias se formam, portanto, é relevante documentar as histórias que estão acontecendo.

Podemos entender essa cidade como um processo que ainda está acontecendo, não determinada a um período passado distante, mas contínua em tempo presente, inacabado e dinâmico, em que se estabelece como Freire argumentou “sendo” com suas possibilidades e não determinações.

1.1 A história de um início: o papel da escola na formação de Alcinópolis

“Ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais” (Alves, 1994, p. 4).

A reflexão proposta por Rubem Alves, nos convida a refletir sobre a possibilidade de sensibilizar as pessoas através da linguagem, com capacidade de

influenciar olhares como um “contágio” ou encantamento de “magia” de nossas palavras, na qual é possível sermos afetados pelas lembranças.

A autora Martins (2014), afirma que “As ideias se propagam de cérebro em cérebro, por contaminação, e são replicadas e transformadas por nossas próprias maneiras de compreendê-las e operar com elas” (Martins, 2014, p. 251). Isto é, podemos impactar mutuamente, por meio do ensinamento, mas o modo como recebemos as informações e interpretamos, são de cada sujeito.

Em relação com o que foi abordado anteriormente sobre imortalidade, compreendemos que o aprendizado, assim como o ensinamento, é um processo coletivo, como menciona Freire: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (Freire, 2017, p.25). Por ser um processo coletivo, essa troca de informações, tende a ultrapassar uma vida individual, visto que por alcançar outras pessoas ela consegue sobreviver por um período de tempo mais vasto, pois os aprendizados permanecem vivos em diferentes sujeitos ao longo de suas vidas.

É curioso imaginar que mesmo após o falecimento de um professor, sua influência pode perdurar no tempo, de modo a sobreviver através dos afetos e impactos que registram suas marcas, seja na memória ou na história. Tal como, quando nos referimos sobre a história de Alcinópolis, sendo crucial este contexto para podermos observar o seu passado e investigar sobre o surgimento do município, credibilizando uma figura importante nesse cenário: uma professora chamada Romilda Costa Carneiro, que por meio das suas contribuições, foi possível não só ser uma figura relevante na história da cidade, mas perdurar no tempo, sobrevivendo na história, na memória e marcando a vida dos moradores do município. Sua imagem pode ser observada na figura abaixo.

Figura 4: Foto da Romilda Costa Carneiro



Fonte: Acervo da autora registrado na casa da memória em 2023

O início da história desta cidade, é marcada pela movimentação para transformar uma fazenda em um futuro município, estruturando a região com a criação de uma escola, além da construção de farmácias, ruas e mercados. Em decorrência dessa iniciativa, começaram a surgir os primeiros moradores vindos de cidades vizinhas, de estados fronteiriços com o Mato Grosso do Sul ou de seus familiares (Duarte, 2018, p.106).

Nesse contexto, no ano de 1965, Romilda Costa iniciou sua história em Alcinópolis, quando veio da cidade de Mineiros, em Goiás, contratada pelo fazendeiro Adolfo Alves Carneiro com o objetivo de lecionar para seus filhos e tempos depois, Romilda casou-se com Alcino Fernandes Carneiro, o filho mais velho do fazendeiro (Duarte, 2018, p.106). Durante a década de 1970, Alcinópolis ainda era uma área rural pertencente a Coxim. Romilda e Alcino buscaram, junto à prefeitura municipal, meios para criar a primeira escola primária da região, a fim de suprir a necessidade de acesso à educação por meio de uma escola (Secretaria de Estado de Educação – SED/MS, 2023).

Um fator relevante para o surgimento da escola estava relacionado às

dificuldades enfrentadas pelos fazendeiros para alcançar os centros urbanos ou se locomover de uma área a outra, devido ao distanciamento. Apesar dessas complicações, o desejo de proporcionar educação e melhores condições aos filhos era constante, o que tornava comum a contratação de professores particulares (Prefeitura de Alcinópolis, 2024).

A partir desses esforços, foi inaugurada, em 1983, a primeira escola estadual de Alcinópolis, denominada Escola Estadual de 1º Grau Hervê Mendes Fontoura e posteriormente, em 1988, a instituição estadual passou a se chamar Escola Estadual Romilda Costa Carneiro, em homenagem a essa importante professora e figura de destaque na criação do município (Secretaria de Estado de Educação – SED/MS, 2023).

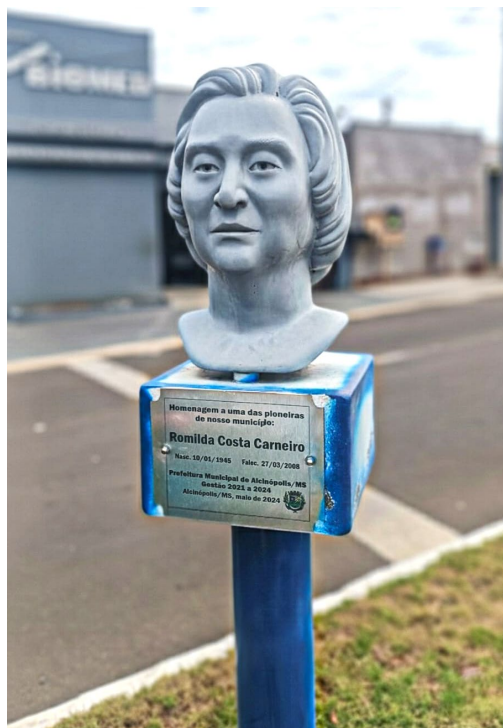
Desse modo, a professora Romilda foi capaz de sobreviver também, através dos outros, na vida de quem ocupa o espaço escolar ou nos moradores do município que perpassam pela escola. Nas figuras 5 e 6, localizadas logo abaixo, podemos observar uma imagem dessa escola estadual, também há uma estátua em homenagem à professora Romilda, localizada em frente a instituição de ensino.

Figura 5: Foto da escola estadual Romilda Costa Carneiro



Fonte: Acervo da autora 2025

Figura 6: Estátua do busto da professora Romilda Costa Carneiro



Fonte: Acervo da autora 2025

No livro “História do Tempo Presente”, Delgado argumenta que “A dinâmica da história, espaço, temporalidade e memória são processos interligados nos quais o tempo na memória ultrapassa o tempo individual e se encontra com a história das sociedades”. (Delgado, 2014, p.69). Compreende-se, portanto, que a história, espaço, tempo e memória não são elementos isolados, mas operam de forma interligada e contínua. A autora descreve a história como processo dinâmico e que nossas memórias vão além de um processo individual, mas é também um ato social que abrange experiências herdadas, como a transmissão do passado, que tecem relações entre o tempo.

Dessa forma, a educação foi um pilar fundamental para o surgimento e consolidação do município de Alcínópolis, antes mesmo de sua emancipação política da cidade de Coxim. Esse movimento, motivado pela valorização do ensino, tornou-se um ponto de partida para organização da cidade, tudo se iniciou a partir de uma escola, com a determinação e iniciativa de uma professora, pois graças as suas transgressões foi possível iniciar a fundação da cidade.

Alcino, em seu relato no vídeo documental publicado no YouTube², destaca que a professora Romilda, na fazenda em que morava no período antecessor da emancipação de Coxim, começou ensinando seus filhos de maneira autônoma e logo incentivou o estudo das crianças da vizinhança. Alcino relata que não demorou muito para ter dezessete “guris” instalados na fazenda com a intenção de ter acesso ao estudo e ressalta que esses alunos chegavam na segunda-feira e partiam somente no sábado à tarde. Nessa ocasião, era preparado alimento para eles e pasto para alimentar seus cavalos, também estabelecem um espaço para que ali se alojassem. Portanto, Alcino reconstitui, a partir de suas memórias, um diálogo que teve com Romilda sobre a fazenda aparentar-se com “uma creche” e ela o confronta alegando que ele se casou com uma professora, que agora só lhe resta “aguentar”, pois o mesmo já estava ciente de suas convicções desde seu envolvimento no matrimônio. E nessa ocasião, após reflexões, Alcino decide lotear uma parte da fazenda para transformar no que hoje conhecemos como Alcinópolis, conforme entrevista dada ao canal Cinear Produções (2024).

O educador Paulo Freire postula sobre a influência de uma professora que:

A professora democrática, coerente, competente, que testemunha o seu gosto de vida, a sua esperança no mundo, melhor que atesta a sua capacidade de luta. Seu respeito às diferenças sabe cada vez mais o valor que tem para a modificação da realidade, a maneira consciente que vive a sua presença no mundo, de que sua experiência na escola é apenas um momento, mas um momento importante que precisa de ser autenticamente vivido (Freire, 2017, p. 110).

A professora descrita por Freire é aquela a qual compreende a impossibilidade de neutralidade em sua profissão. Descreve uma professora que reconhece seu potencial transformador, compromissada na intencionalidade de lutar por justiça. Essa educadora com a consciência de sua prática docente é dotada pela capacidade de intervir na realidade, por essa razão as vivências no espaço escolar não deve ser concebida como um estado momentâneo, mas o compromisso implica experimentar o cotidiano de forma enriquecedora, que possibilite experiências vívidas.

² Disponível em: <https://youtu.be/sJsnm9aSLIA?si=s9zHJqjFRDNye-Bv>

1.2 Espaços da história: os sítios arqueológicos de Alcinópolis

Quando falamos sobre as histórias, por vezes, somos guiados a pensar em narrativas, personagens, datações de diferentes épocas. Contudo, um ponto relevante a ser considerado sobre elas, é que são evidenciadas em determinados espaços, lugares e regiões que revelam os indícios daquele local, como também as paisagens, sistemas, configurações territoriais e os contextos que ela possui. Milton Santos (2006), a respeito das noções de espaço e suas dinâmicas e sistemas que formulam sua estrutura, afirma:

A partir da noção de espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações podemos reconhecer suas categorias analíticas internas. Entre elas, estão a paisagem, a configuração territorial, a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas-conteúdo. (Santos, 2006, p.12-13).

Neste caso, estamos nos referindo especialmente sobre o município de Alcinópolis, um espaço sendo esse conjunto indissociável, é capaz de nos revelar os acontecimentos por meio dos vestígios materiais ou imateriais que a cultura preserva e nos apresenta registros de atividades humanas de diferentes épocas, podendo se apresentar de diferentes formas, como: monumentos, símbolos, construções, objetos e marcas. Como também, é o caso dos sítios arqueológicos. Aguiar sustenta que: “Um local onde encontramos vestígios de uma população do passado é chamado de ‘sítio arqueológico’, este lugar pode ter sido ocupado por um único povo ou por diferentes sociedades ao longo dos milênios” (Aguiar, 2016, p. 5).

É relevante considerar que os espaços possuem contextos, assim como afirma Santos, mostrando que a localização dos espaços arqueológicos ocupam o contexto geográfico do município e, isso implica que em decorrência da planície pantaneira, os sítios ocupam principalmente áreas de transições de bordas montanhosas, denominada de “franjas”, que ficam acima do bioma pantaneiro que forma naturalmente um limite, como uma “divisão” natural entre as partes mais baixas e planas, pelas planícies, ocupadas pelo pantanal e as mais elevadas pelo cerrado. Os sítios arqueológicos ficam em áreas mais altas, mas em decorrência a localização, os grupos humanos que ocupavam a região a milênios de anos aproveitaram os recursos naturais destes dois biomas pela posição estratégica, Aguiar (2014) afirma esse entendimento ao expressar que:

Parece ser o ponto de junção de três biomas: além de estar na faixa de transição entre as terras altas do complexo serrano e a planície pantaneira, por vezes apresenta vegetação densa, similar àquela que se estende pelo sudeste e sul do Brasil, chamada de Mata Atlântica. Desta situação geográfica onde os três biomas – pantanal, cerrado e mata atlântica. (Aguiar *apud* Lima, 2014, p.68).

A localização, nos contextos geográficos de Alcinópolis, evidencia uma importante convergência ecológica natural, nas transições de biomas do Pantanal, Cerrado e Mata Atlântica, que em sua paisagem carrega uma diversidade ambiental que favorecia a sobrevivência dos humanos pré-históricos, com uma capacidade de adaptação aos recursos ecológicos, condições climáticas e variedades na fauna e flora que se tornou propício a acomodá-los, com diversos de recursos para sobrevivência.

Com base nos levantamentos de Aguiar (2014) e Marques (2014), é possível identificar que a maior parte dos sítios arqueológicos registrados no estado está concentrada na região norte. Do total de 80 sítios catalogados, 50 encontram-se nessa área, o que corresponde a 62,5%. Os 30 sítios restantes, equivalentes a 37,5%, estão distribuídos pelas demais regiões do estado.

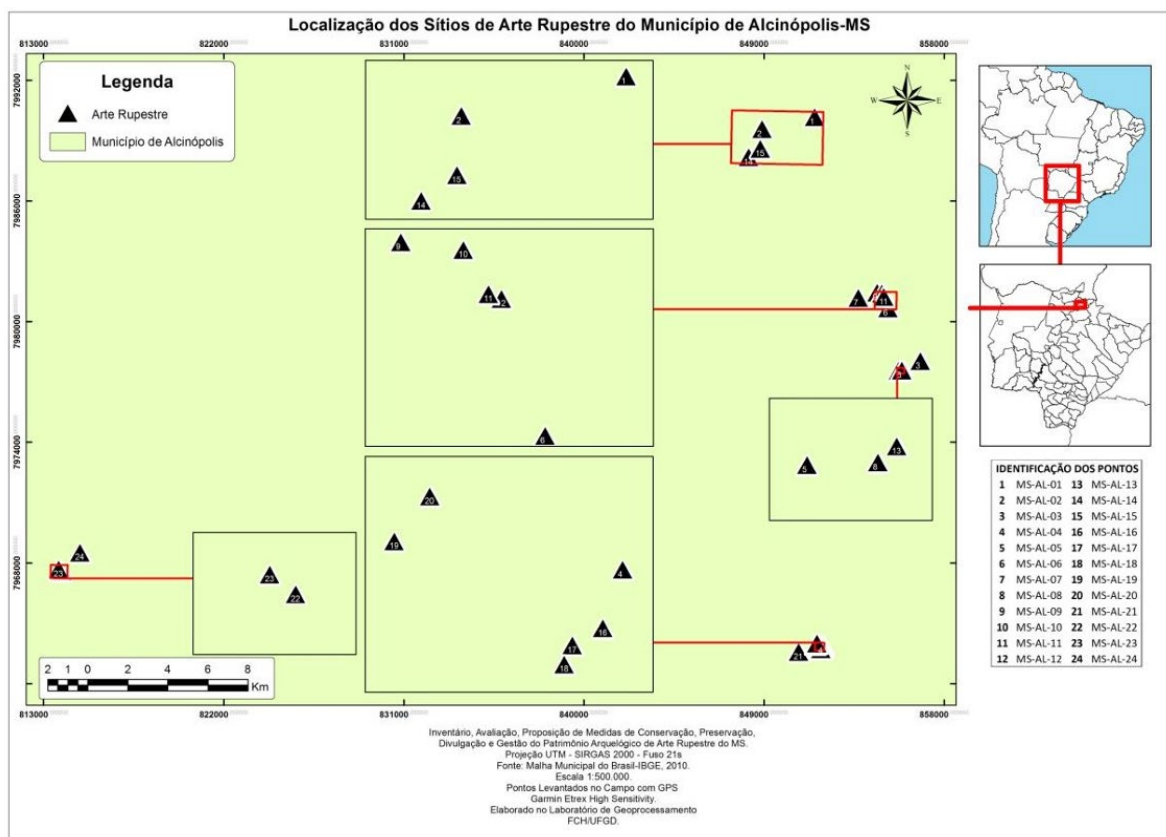
Na região norte, o maior destaque é o município de Alcinópolis, que concentra a maioria dos sítios arqueológicos. Segundo Nepomuceno (2023, p. 11), 24 sítios estão registrados e outros 14 encontram-se em processo de registro junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Durante o desenvolvimento desta pesquisa, o portal de notícias *MS Todo Dia* divulgou, em 2024, o acréscimo de 17 novos sítios aos 24 já registrados, totalizando 41 sítios arqueológicos no município (MS TODO DIA, 2024). Ressalta-se que as investigações continuam em andamento, podendo haver atualizações nesses números

Santos utiliza Gourou para afirmar que “Toda paisagem habitada pelos homens traz a marca de suas técnicas [...] Essas paisagens nos fazem perguntas” (Gourou, 1973, p. 303 *apud* Santos, 2006, p.20). Pensando neste sentido, proponho o questionamento sobre **quais são as paisagens de um sítio arqueológico?** Sobretudo, quando falamos de espaços que foram habitados por povos há milhares de anos atrás, que deixaram suas marcas e, de diferentes formas e técnicas, seja elas através dos petróglifos, gravuras ou através das pinturas; as iconografias, desenhos, linhas, riscos e diferentes formatos, sejam orgânicas, geométricas, humanoides, cenas ou representações figurativas. Nesse sentido, podemos dialogar com as

iconografias presentes nos sítios, indagar sobre tempo ou quem foram os habitantes desses lugares e porque deixaram essas marcas.

Nesse sentido, torna-se fundamental compreender a configuração espacial dos sítios arqueológicos localizados em Alcinópolis. Lima (2014), em sua pesquisa, apresenta um mapa elaborado pelo Laboratório de Geoprocessamento da Faculdade de História da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), no qual é possível visualizar a distribuição desses sítios no território do município. Para a presente pesquisa, também foi elaborada uma tabela com os códigos de identificação dos sítios definidos pelo IPHAN, reunindo a nomeação dos 24 sítios arqueológicos mais conhecidos. Na Figura 7, o mapa apresenta o território de Alcinópolis em fundo verde, no qual triângulos pretos indicam a localização de cada sítio arqueológico registrado. A numeração inserida em cada triângulo corresponde à legenda situada na parte inferior do mapa, permitindo a identificação de cada sítio. Observam-se, ainda, quadrados contornados em vermelho, que destacam áreas específicas do município, funcionando como ampliações (“zoom”) de trechos onde há maior concentração de sítios, favorecendo a visualização de seus detalhes.

Figura 7: Localização dos sítios de arte rupestre do Município de Alcinópolis



Fonte: (Lima, 2014, p. 79)

Tabela 1: Códigos de registro e Nomes populares dos sítios

Código / Nome do Bem	Nome Popular
MS-AL-01	Templo dos Pilares
MS-AL-02	Pata da Onça
MS-AL-03	Arco da Pedra
MS-AL-04	Barro Branco I
MS-AL-05	Gruta do Pitoco
MS-AL-06	Casa da Pedra
MS-AL-07	Não identificado
MS-AL-08	Abrigo do Diamante
MS-AL-09	Arco do Limeira
MS-AL-10	Arco do Limeira 2
MS-AL-11	Painel da Tampa
MS-AL-12	Painel do Antropomorfo
MS-AL-13	Painel do Sucupira
MS-AL-14	Abrigo "Morro das Duas Torres"
MS-AL-15	Gruta do Urutau
MS-AL-16	Sítio Barro Branco II
MS-AL-17	Sítio Barro Branco III ou Caverna dos Morcegos
MS-AL-18	Sítio Barro Branco IV
MS-AL-19	Sítio Barro Branco V
MS-AL-20	Sítio Barro Branco VI
MS-AL-21	Sítio Barro Branco VII
MS-AL-22	Fazenda Fidalgo I
MS-AL-23	Sítio Fazenda Fidalgo II
MS-AL-24	Fazenda Fidalgo III

Fonte: Elaboração da autora, baseada no CNSA/IPHAN 2025

O mapa e a tabela apresentados mediante dados de geoprocessamento, nos auxilia a compreender a localização e distribuição espacial entre os sítios arqueológicos, uma ação importante para compreender melhor a relação do território e onde estão situados.

A autora Duarte (2018) analisa as medidas institucionais e legais voltadas à conservação desses espaços, destacando, entre elas, a Lei nº 3.522, de 30 de maio de 2008, que assegura a proteção do patrimônio histórico, artístico, arqueológico, etnográfico, bibliográfico e cultural de Mato Grosso do Sul. Essa legislação abrange bens móveis e imóveis, públicos ou privados, como obras de arte, objetos, edifícios, monumentos, conjuntos arquitetônicos, jazidas, sítios arqueológicos e paisagens, além de bens imateriais, como formas de expressão e modos de criar, fazer e viver.

No âmbito municipal, Duarte (2018) destaca a Lei Orgânica de Alcinópolis, sancionada em 17 de dezembro de 1993, que atribui ao município a responsabilidade pela proteção do patrimônio cultural. No artigo 16, a lei estabelece, entre as competências compartilhadas com a União e o Estado inclui a proteção aos sítios arqueológicos, entre outros bens.

Outra lei que vale destacar, é a do ano de 2005, foi sancionada com número 223/2005 que cria “O conselho municipal de Cultura” cuja competência inclui dois tópicos em relação à conservação do patrimônio cultural, sendo eles de promover a defesa e preservação do patrimônio histórico e artístico do município e promover o intercâmbio com outras entidades culturais. Além disso, em 21 de dezembro de 2012, a cidade de Alcinópolis recebeu a titulação de: *A Capital Estadual de Arte Rupestre*, por meio da lei nº 4.306/2012, esse reconhecimento demonstrou a importância deste município no cenário arqueológico no estado e foi publicado no Diário Oficial e sancionada pelo governador na época, André Puccinelli.

Duarte (2018), também apresenta a lei municipal sancionada no ano de 2015, de número 383/2015 que “Dispõe sobre a criação do *Dia Municipal de Arqueologia e Arte Rupestre no Município de Alcinópolis*”, e nesta data que é celebrada todo ano no dia 5 de outubro, com ações para promover eventos culturais e ações que incentivem o maior conhecimento desse patrimônio. Assim são realizadas oficinas, debates, pesquisas, palestras de alcance internacional e ações nas escolas com o objetivo de envolver a participação das pessoas da cidade, entre eles: os educadores, educandos, pesquisadores, associados e membros da comunidade local. (Duarte, 2018, p.72-75)

Considerando todas as iniciativas apresentadas por Duarte (2018), é notável os esforços estaduais e municipais que intencionam a garantia de preservação, valorização, reconhecimento e difusão do patrimônio cultural e histórico, principalmente quando estamos nos referindo ao patrimônio arqueológico e a Arte Rupestre. A autora, todavia, ainda esclarece que:

Apesar das diversas leis criadas pelo município de Alcinópolis, com o objetivo de sensibilizar e preservar o patrimônio arqueológico, é necessário que o poder público municipal priorize as ações contínuas, para implementação, no fortalecimento e políticas públicas que efetivamente cumpram as metas que estão propostas em cada uma destas legislações (Duarte, 2018, p. 77).

Lima (2014) afirma que, a integridade dos sítios arqueológicos de Alcinópolis, encontram-se em bom estado de conservação, e registra que a prefeitura da cidade possui um trabalho exemplar desenvolvido pela gestão pública que deveria ser seguido pelos municípios vizinhos que possuem acervo rico em arte rupestre. Desse modo, as ações de preservação devem ser algo contínuo, com fortalecimento de políticas públicas efetivas.

Até o momento, foram abordadas as questões dos sítios de maneira geral e diante desse panorama apresentado até aqui, torna-se pertinente aprofundar a análise de alguns sítios arqueológicos. Para isso, a pesquisa vai aprofundar-se em três destes espaços, sendo eles: Templo dos Pilares, Gruta do Pitoco e Gruta do Barro Branco. Dois destes sítios foram escolhidos por possuírem o maior índice de visitação, sendo estes, o sítio Templo dos Pilares e a Gruta do Pitoco. Já a inclusão da Gruta do Barro Branco decorre da experiência direta da autora em visita a Alcinópolis, realizada no âmbito do projeto Trilha Rupestre³, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). No projeto, o eixo Arte, desenvolve produtos que fomentam a economia local, com a criação de produtos feitos a partir da cerâmica, como foi divulgado em notícia institucional da UFMS em 2024.⁴

³ O projeto foi concebido através do reconhecimento do potencial arqueológico do estado, que objetiva transformar os sítios arqueológicos em desenvolvedores de bioeconomia, economia criativa e práticas educativas. [...] O intuito do projeto Trilha Rupestre, visa gerar impactos econômicos positivos nas regiões envolvidas, por meio de desenvolvimento de produtos e atividades do turismo arqueológico, como os artesanatos inspirados pelas artes rupestres, cursos de educação patrimonial e roteiros turísticos com mediações, tudo isso impulsionando a economia do município. (Napomuceno, 2023, p. 27).

⁴ Godoi, Rozana Vanessa Fagundes Valentim De. Exposição de produções em Cerâmica – Grupo Mãos que Moldam, Alcinópolis MS e Programa Trilha Rupestre/UFMS. Artes Visuais UFMS, 2024. Disponível em: bit.ly/3LaVPSj

1.3 Templo dos Pilares

O Templo dos Pilares, é um sítio de geomorfologia singular, com características monumentais e de extensa magnitude, sendo este espaço, considerado um dos mais importantes da história da arqueologia de Alcinópolis. Martins e Kashimoto são capazes de esclarecer o sentido por trás do nome deste lugar, afirmando as suas características:

O sítio Templo dos Pilares destaca-se na arqueologia sul-mato-grossense por apresentar uma geomorfologia singular e, ao mesmo tempo, monumental, isto é, espetaculares colunas naturais de arenito, com vários metros de altura que, por vezes, dão a impressão para o observador que foram feitas pela mão do homem com o objetivo de sustentar o teto do abrigo. (Martins; Kashimoto, 2012, p.158).

Em relação à impressão do observador, a primeira vista do Templo dos Pilares, em virtude de sua formação rochosa emblemática se assemelha a uma coluna arquitetônica esculpida, assim como as que são feitas a partir de mãos humanas, tal qual as colunas clássicas como as greco-romanas, de acordo com a comparação feita por Lima (2018, p.60). Essa comparação é interessante, pois os pilares do sítio arqueológico, se trata de uma geomorfologia com estruturas formadas naturalmente de arenito, que possui petroglifos e pinturas rupestres ao seu entorno.

Em relação à interferência na paisagem, é relevante ressaltar outro elemento essencial relacionado à configuração deste espaço frequentemente pontuado pelos guias de turismo e observado pelas pessoas que visitam referenciam a presença de "um guardião de pedra misterioso". Esse aspecto é representado por uma figura antropomorfa, conhecida como "Guardião" do Templo dos Pilares, correspondente a um ponto de rocha, na parede externa, que assemelha a um "gigantesco" rosto humano (Reis, 2023, p.27).

Esta configuração, incluindo os pilares de arenito, são monumentos essenciais que constituem as características do sítio arqueológico Templo dos Pilares, tornando-se ícones simbólicos que estabelecem a paisagem, criando significados para espaços históricos, assim como Santos, elucida:

A paisagem é transtemporal, juntando objetos passados e presentes, uma construção transversal. O espaço é sempre um presente, uma construção horizontal, uma situação única. [...] A paisagem é, pois, um sistema material e, nessa condição, relativamente imutável: o espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente (Santos, 2021, p. 67).

Nesse sentido, a paisagem é um aspecto de um sistema material imutável, ou seja, os objetos que compõem um território não sofrem alterações frequentes, mas quando ocorre, costuma ser interferido por seres humanos ou em circunstâncias de longos períodos, como ocorre em demolições, queimadas, soterração, fragmentação, etc.

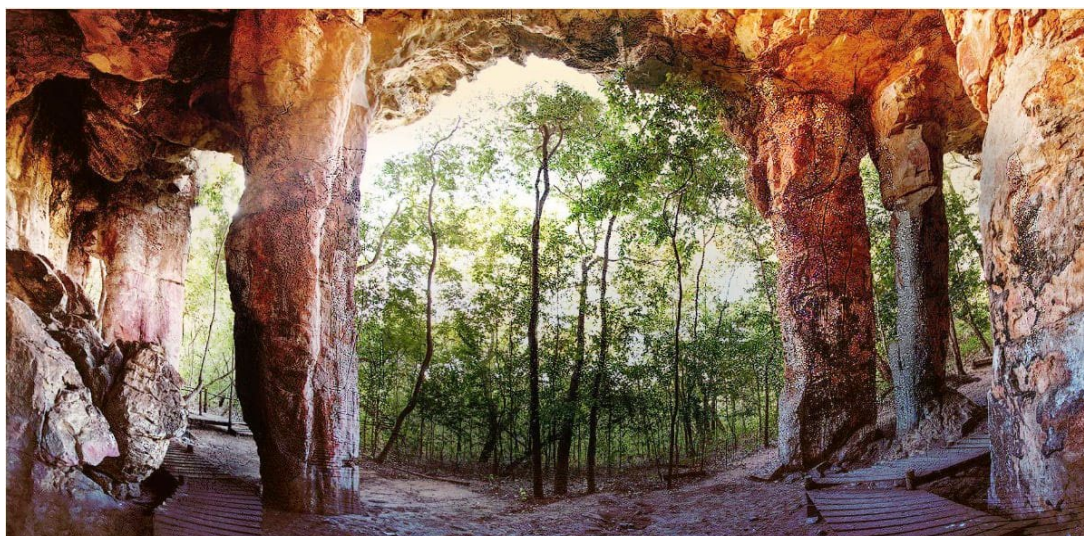
A estrutura física tende a durar, carregando o passado em tempo presente, consequentemente, sendo “transtemporal”. Em contrapartida, o espaço tende a mudar-se por diversas vezes, pois ele corresponde a um sistema de valores, que se transforma permanentemente, assim, as transformações não estão no objeto e sim, no modo que a sociedade se transforma e interpreta estes objetos, como acontece com a face do “Guardião” e os pilares do sítio arqueológico.

Essas estruturas existentes há milhares de anos em Alcinópolis, atravessaram o tempo em permanência física no território, fazendo parte do tempo presente de uma identidade, como um simbolismo na região, uma forma de interpretação.

Para exemplificar, podemos compreender que esses elementos existem na paisagem desde sua formação geológica, mas recebem, no tempo presente, uma nova interpretação simbólica associada, por exemplo, a ideias de proteção, identidade ou sacralidade, como na leitura contemporânea que os define como um “guarda” do Templo dos Pilares. Assim, do ponto de vista material, a paisagem permanece relativamente estável, porém o espaço se transforma à medida que novos sentidos e significados são projetados sobre ela.

A seguir, as imagens correspondem às seguintes figuras: (Figura 8), imagem dos pilares do sítio, (figura 9), imagem do “Guardião”

Figura 8: Imagem dos pilares do sítio arqueológico



Fonte: Prefeitura Municipal de Alcinópolis: Visite Alcinópolis MS 2023

Figura 9: “Guardião” do Templo dos Pilares



Fonte: Acervo pessoal 2024

Dando sequência à análise do Templo dos Pilares, torna-se necessário ampliar o entendimento sobre a região, especialmente no que se refere à sua contextualização geográfica. Para isso, utilizo Martins e Kashimoto, que pontuam que:

O sítio Templo dos Pilares é um abrigo sob rocha, incrustado em um paredão de arenito, com inscrições rupestres, localizados na margem esquerda do córrego Sambaia, integrante da bacia do córrego Bom Sucesso, situado no

interior da Fazenda São Paulo, propriedade do Sr. Josué Corço Neto (Martins, Kashimoto, 2012, p.158).

Esta área, ainda que faça parte de um domínio privado da fazenda do Sr. Josué Neto, que se encontra preservado em uma zona de proteção ambiental. De acordo com o Museu do Cerrado (2025) o sítio fica localizado dentro do monumento Serra do Bom Jardim, pertencente ao município de Alcinópolis, sendo denominado de “Parque Natural Municipal Templo dos Pilares”. Este local foi tombado como patrimônio cultural brasileiro, tornando-se uma unidade de conservação no ano de 2003 pelo IPHAN (Campo Grande News, 2017).

Lima (2018) disponibilizou um mapa que demonstra a localização do Templo dos Pilares, é interessante a disposição deste parque em relação à área urbana de Alcinópolis, que corresponde a 40 km (Marques, 2015, p. 29).

Figura 10: Mapa localização do Templo dos Pilares



Fonte: (Lima, 2018, p.59)

Além da localização do sítio Templo dos Pilares, que envolve uma perspectiva distante, vista de cima em um sentido abrangente mediante um mapa, um fator central a ser destacado é a questão da infraestrutura, em uma ótica interiorizada e localizada. Cabe destacar a função principal do Templo dos Pilares, compreendido como um espaço destinado, sobretudo, a práticas ritualísticas. Nesse sentido, Martins e Kashimoto (2012, p. 164) afirmam: “A função principal deste sítio é definida pela

exuberância de seus painéis com grafismos, o que vem conferir ao lugar acentuadas características cerimoniais e um espaço privilegiado para manifestações culturais ritualísticas”.

É importante ressaltar a presença da Arte Rupestre nesse patrimônio, registradas pelos povos que habitavam essa região há milênios de anos, esses grupos humanos se configuraram como povos caçadores e coletores, pré-ceramistas, que se estabeleceram por volta de 8 mil e 10 mil anos atrás, deixando na paisagem, das paredes, dos pilares e nos fragmentos soltos das rochas da caverna, vestígios humanos (Lima, 2018, p. 66). Vestígios estes, que podem ser compostos por petroglifos, também conhecidos como gravuras rupestres. A segunda forma de registro rupestre, são equivalentes às pinturas feitas a partir de pigmentos elaborados pelos humanos que se apropriaram de recursos do meio ambiente, comumente as cores mais utilizadas era de tons avermelhados e tons de amarelo que são cores obtidas a partir de minerais, como o uso de óxido de ferro (Marques, 2015, p. 26).

As características predominantes nas pinturas rupestres do Templo dos Pilares, são de pelo menos quatro tradições arqueológicas, que ocorrem em painéis em uma longa distância que se estende em sequência por todo abrigo.

A seguir, as próximas quatro figuras, 12, 13, 14 e 15, percebemos a representação de pinturas rupestres, selecionadas por apresentar agrupamentos de grafismos densos com aglomerados, como podemos observar.

Figura 11: Pintura Monocromática de óxido de ferro



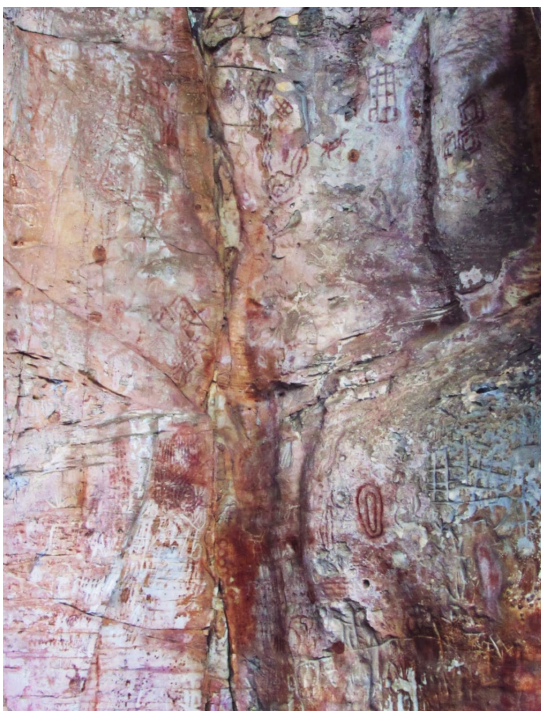
Fonte: Acervo pessoal 2024

Figura 12: Pannel misto de Gravuras e Pinturas



Fonte: Acervo pessoal 2024

Figura 13: Pannel misto de Gravuras e Pinturas 2



Fonte: Acervo pessoal 2024

Figura 14: Petroglifos, Gravuras geométricas



Fonte: Acervo pessoal 2024

Em consideração dos aspectos ambientais, Marques argumenta que o Templo dos Pilares é único por suas características, cânions, cerrados preservados, fragmentos, vales com vegetação virgem, paredões, ninhais de araras e corujões entre várias outras espécies de aves” (Marques, 2015, p.29).

Na sequência, a figura 16, revela uma fotografia da vista superior do templo dos pilares, e este percurso da trilha, revela o ponto mais alto.

Figura 15: Paisagem vista acima do Templo dos Pilares



Fonte: Acervo da autora 2024

A visão panorâmica registrada do sítio Templo dos Pilares contém uma ampla paisagem capaz de fascinar os olhares dos visitantes que conheceram esta trilha do sítio arqueológico, com uma vasta vegetação típica do cerrado. O autor Berque afirma que “a paisagem não reside somente no objeto, nem somente no sujeito, mas na interação complexa entre os dois termos” (Berque, 1994, p. 123).

A paisagem enriquece a experiência de quem visita o sítio por entrelaçar as dimensões históricas do local com a experiência de encantar-se pela vista deste cenário, a paisagem reside no espaço visitado e nas pessoas que interagem com o lugar.

1.4 Gruta do Pitoco

A origem de sua nomenclatura surge em decorrência a um habitante de Alcinópolis, morador da zona rural e antigo proprietário das terras onde se localiza o sítio arqueológico. Essa pessoa, conhecida como “Seu Pitoco”, refere-se ao último residente da região e, de acordo com relatos dos habitantes locais, este senhor se estabeleceu neste território, permanecendo inicialmente na gruta, que lhe serviu como um abrigo temporário, até que tivesse condições de construir uma casa convencional (Lima, 2014, p.115).

A Gruta do Pitoco está situada na região da Serra do Bom Sucesso, com a altitude elevada ao nível do mar a 580 metros, apresentando condições que favorecem acesso, neste sítio apresenta em seu interior, uma variedade de gravuras e pinturas expressivas que possuem grafismos que prosseguem da Tradição de São Francisco.

As pinturas apresentam características de policromia, ou seja, apresenta mais de uma tonalidade presente, assim como na (figura 17) que segue abaixo, demonstrando a presença em tons avermelhados, branco e amarelo. O grande painel onde se encontram as pinturas rupestres, possuem face direcionada para posição sudoeste e o córrego Limeira é a fonte de água mais próxima ao sítio, estando localizada há 1.000 metros de distância do sítio arqueológico.

Além das pinturas rupestres, há presença de fragmentos rochosos separados que contém petroglifos da Tradição Geométrica Meridional, com formatos tridáctilos que Lima (2014) descreve como “vulvas”, essas gravuras podem ser visualizadas na figura 18, ademais, outra gravura com forma peculiar é encontrada na segunda parte da caverna, na Gruta do Pitoco II, com formato de um “diamante” (Duarte, 2018, p.52) que pode ser observado na (figura 19).

Figura 16: Painel de Pinturas Rupestres na Gruta do Pitoco



Fonte: Acervo da autora 2023

Figura 17: Fragmento da caverna com petroglifos tridáctilos “Vulvas”



Fonte: Acervo da autora 2023

Figura 18: Grafismo em formato de “Diamante”



Fonte: Reis, 2023, p.57

Segundo o documentário do canal Educativa MS, intitulado *Expedição MS – Alcinópolis* (2023),⁵ disponível no YouTube, a partir do tempo de 18 minutos e 22 segundos, podemos observar no vídeo informações fundamentais a respeito da Gruta do Pitoco, dentre elas, a informação que este sítio arqueológico foi inaugurado no ano

⁵ Disponível em: <https://youtu.be/LAuFuuf15nE?si=A6EeJCWEmtxTpQlq> Observa-se que o mesmo será retomado adiante.

de 2018, tendo um percurso de uma trilha sem dificuldades e obstáculos. Para tornar a Gruta do Pitoco ainda mais acessível, foram construídas em 2022, estruturas de madeira, isso, sem dúvidas, possibilitou maior segurança e conforto aos visitantes. Na (figura 20) é possível observar parte da estrutura criada no local.

Figura 19: Passarela de madeira da Gruta do Pitoco



Fonte: Acervo da autora 2023.

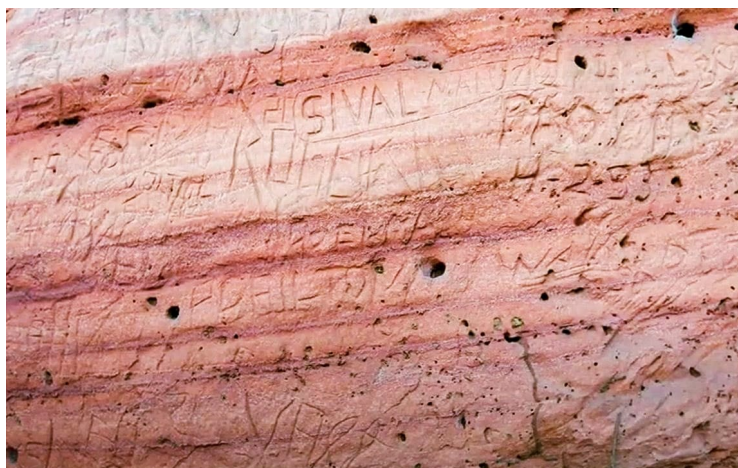
Ainda no documentário, os guias turísticos da região de Alcinópolis, compartilham seus saberes em modo narrativo, um deles afirma que há um espaço na caverna próximo ao final da gruta, que é utilizado pelos animais como ninho de reprodução e que dentre estes animais, já foram encontrados uma coruja branca suindara, urubus e principalmente araras-vermelhas.

Uma questão destacada no mesmo documentário, refere-se aos atos de vandalismo ocorridos na Gruta do Pitoco, resultantes de intervenções atuais de moradores e/ou visitantes. Embora situações semelhantes também tenham sido registradas no Templo dos Pilares, na Gruta do Pitoco esses impactos são ainda mais evidentes. Como o sítio está localizado a aproximadamente 12 km da área urbana do município (Marques, 2015, p. 31), ele é frequentemente visitado por turistas e moradores sem a presença de guias, o que dificulta a mediação e o monitoramento

necessários à proteção do patrimônio. Essa problemática é mencionada por uma guia local no documentário veiculado pelo canal Educativa MS (2023).

Por outro lado, o documentário enfatiza que tais situações vêm sendo progressivamente combatidas com a atuação da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Meio Ambiente (SEMDEMA), por meio de ações de incentivo à preservação ambiental e de promoção da consciência sobre a importância histórica do patrimônio local. Ademais, a Prefeitura de Alcinópolis estimula a visitação responsável aos sítios arqueológicos, divulgando, em seu site oficial, a lista de condutores de visitantes, com nomes e contatos dos guias credenciados (Prefeitura Municipal de Alcinópolis, 2025).

Figura 20: Vandalismo na Gruta do Pitoco



Fonte: Canal Educativa MS: Expedição MS – Alcinópolis 2023

Apesar dos desafios enfrentados em razão de depredações deste sítio arqueológico, a Gruta do Pitoco composta por duas sessões registradas pelo CNSA/IPHAN, permanece sendo um local com paisagens impactantes e de natureza vasta, presentes na Serra do Bom Sucesso e podem ser contemplados a partir de uma visão panorâmica, estando acima da caverna após uma escalada e atravessando uma passagem estreita que te encaminha a um mirante, com uma bela vista desta natureza presente na serra.

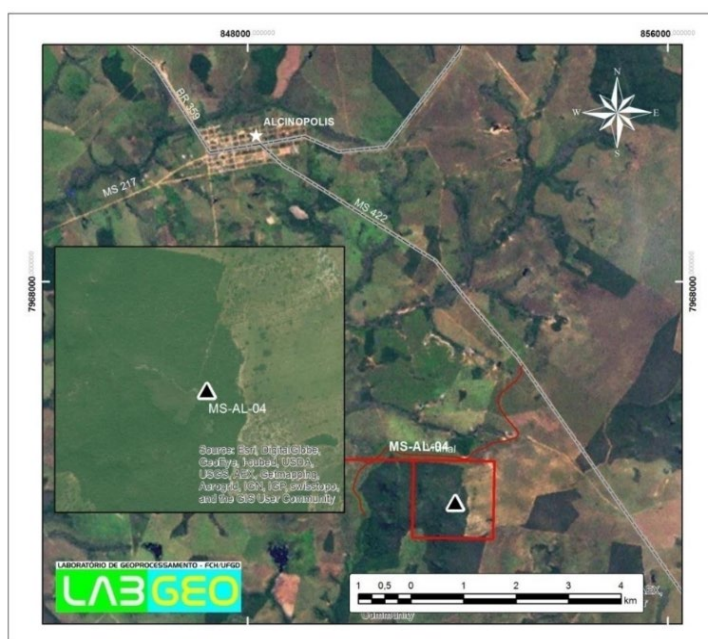
1.5 Gruta do Barro Branco

A Gruta do Barro Branco é denominada devido a sua localidade, estando situada na Serra do Barro Branco. O conceito de “Gruta” que ficou popularmente

conhecido, contudo, este espaço corresponde a um grande abrigo arenítico sob rocha. Um grande destaque a este sítio, corresponde a sua dimensão, que se torna refúgio para variedades de representações únicas, que se destacam dos demais sítios de Alcinópolis (Lima, 2014, p.104).

Em relação à grande configuração espacial do sítio arqueológico, esse espaço possui sete segmentos distintos correspondentes a identificação de catalogações, nessas divisões, foram identificadas concentrações de gravuras, mas principalmente pinturas rupestres. O sítio encontra-se situado em uma propriedade privada, sendo esta, a Fazenda de Santa Maria, o mapa de Lima (2014) encontrado na figura 22, demonstra uma perspectiva aérea da distância do sítio arqueológico em perspectiva com a área urbana do município.

Figura 21: Mapa com a localização do sítio Barro Branco (MS-AL-04)



Fonte: (Lima, 2014, p. 104)

Retomando o documentário produzido pelo canal Educativa MS; *Expedição MS – Alcinópolis*. É possível observar duas formações rochosas emblemáticas, tais como as colunas ou o rosto do “Guardião” no Templo dos Pilares, esse monumento natural em específico é popularmente conhecido como a “Mão de Deus”, que corresponde a uma formação rochosa esculpida pelo tempo e se assemelha figurativamente a uma mão fechada. Outra formação rochosa singular, é uma mencionada por Marques (2015), que mostrou registro de uma rocha que se assemelha a uma cabeça de bezerro.

Figura 22: Cara do Bezerro



Fonte: (Marques, 2015, p.31) Fotografia de Marco Reis

Além das formações rochosas, o sítio se destaca principalmente pela grande variedade de pinturas rupestres, a mais emblemática, assim como mencionado no documentário, é uma pintura que representa o símbolo da “Rota Rupestre”, conhecido também como o projeto “Trilha Rupestre”, que correspondem a impressão de uma mão em colorante vermelho, possivelmente pigmentado a partir de óxido de ferro (Lima, 2014, p. 106).

Figura 23: Impressão de mão e “+++”



Fonte: Acervo da autora 2023

Figura 24: Pannel de pinturas da Gruta do Barro Branco



Fonte: Acervo da autora 2023.

As características das pinturas rupestres deste sítio arqueológico, de acordo com Lima (2014), é que possuem diferentes fases, algumas delas apresentam sinais de sobreposição, com predominância de pigmentações em tons avermelhados e grande relevância dos grafismos, além disso, possuem policromia, em tons de vermelho e amarelo.

As pinturas estão em painéis na parte interior e exterior do abrigo e possuem pouca presença de petroglifos, sendo majoritariamente composta por pinturas. Além disso, outras características marcantes em relação às pinturas de acordo com Reis (2023, p.73), são a presença de grafismos figurativos, que representam sinais humanos ou humanoides e também zoomórficos como de onças, lagartos, peixes, aves, tatu, espinhas de peixes e uma delas, assemelha-se com uma figura de arraia. As poucas gravuras presentes, aparentam ser mais antigas que as pinturas, compostas principalmente por tridáctilos e sulcos paralelos distribuídos pelo painel, como mostra na figura 25, que corresponde a um painel com as pinturas rupestres da gruta.

2. ARTE RUPESTRE: MEDIAÇÕES E PROPOSIÇÕES

A caverna, com sua umidade rochosa, foi o ateliê do homem pré-histórico. Diante dos mistérios do que lhe era desconhecido, o artista retirava-se para ficar a sós na caverna [...]. A caverna foi a casa na qual o artista se sentia seguro enquanto criava, pois “a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite sonhar em paz” (Blau, 2010, p.30).

O texto acima, publicado no capítulo *“Quatro letras: a língua do mundo no corpo do texto”*, parte do livro organizado por Martins, Picosque e Guerra (2010) retoma a partir de Blau, as ideias de Bachelard (1884-1962) que descreve a caverna como um espaço de criação do ser humano, um “ateliê” do homem que vivia nas “cavernas”.

Nesse sentido, a caverna era morada, a casa o qual era um espaço seguro para criação, e adiante na mesma página, Blau elucida que as criações desenvolvidas neste ateliê, são mais do que reproduções de animais selvagens reais, mas os desenhos, pinturas e as gravuras rupestres, demonstram sensibilidade visual pela capacidade de abstração do homem pré-histórico.

A autora Martins escreve sobre o sensível olhar pensante, que corresponde a percepção cognitiva que vai além dos dados sensoriais, sendo um olhar curioso frente ao mundo, transcendendo as aparências que investiga — “o que há por trás”, procurando formas de olhar, e no próprio objeto a forma de o compreender, percebendo as diferenças e fazendo relações. (Martins, 1993, p.2 e 3). Nesse contexto, posteriormente a autora vai dizer que:

O olhar do indivíduo sobre o mundo, olhar que não envolve só a visão, mas cada partícula de sua individualidade, está profundamente colada à sua história, à sua cultura, ao seu tempo e ao seu momento específico de vida [...] o que guardamos dentro de nós não é o real, mas a sua representação simbólica (Martins, 1993, p. 6-7).

Considerando as reflexões de Martins (1993) e Blau (2010), compreendemos que olhar está além da capacidade de visão, mas envolve interpretação do mundo com a individualidade, assim a arte e o ato de criação perpassa a história, a cultura e o tempo de cada ser humano. Na caverna que foi morada dos humanos, o desconhecido tomava-se forma, na elaboração de imagens, seja ela figurativa ou abstrata.

Acerca do processo de criação daquele período histórico, as técnicas desenvolvidas das pinturas eram feitas a partir de pigmentações naturais como os tons terrosos, que são tons de ocre, óxido de ferro para o vermelho e carvão para o

preto, misturados a gorduras animais, que eram esfregados na superfície áspera das rochas (Ostrower, 2021, p.32). Podemos fazer a relação contemporânea quando Blau (2010) descreve a caverna com um espaço de ateliê, essas comparações temporais de leitura entre passado e presente, também aproxima semelhanças que atravessam o tempo, pois corresponde a uma ação humana, sendo ela: a capacidade e o impulso da criação, uma necessidade de expressar-se e produzir representações simbólicas, mostrando ser algo que permanece vivo em todo ser humano, em diferentes eras ou idades. Como pontua Martins:

O desenho é o mais primitivo dos recursos. É uma caligrafia. É o ato de pensamento. Faz parte da vida de qualquer criança [...] Faz parte também da vida de qualquer adolescente ou adulto que desenharam mesmo sem intencionalidade. Basta ver qualquer papel deixado ao lado do telefone (Martins, 1993, p.6).

O desenho é, como descreve a citação, um recurso “primitivo”, mas em razão disso, não o faz menos humano. A gestualidade, o pensamento, a linguagem é a caligrafia que atravessa nossas vidas desde a infância, inclusive de modo não intencional. A arte rupestre, nesse viés, não deve ser reduzida ao depreciamento e distanciamento da humanidade, no sentido de “primitivo”, pré-histórico, pois é antes de tudo, criação e representação simbólica. É importante reconhecer a potência desses registros e com essas possíveis histórias podemos nos reconhecer como parte de um desenvolvimento de gerações.

Ao considerar essas paisagens marcadas por intervenções humanas em cavernas, cujos vestígios permanecem e são hoje estudados, abre-se um campo de possibilidades para a reflexão, tal como argumenta Didi-Huberman:

Diante de uma imagem – por mais antiga que seja –, o presente nunca cessa de se reconfigurar, se a despossessão do olhar não tiver cedido completamente o lugar ao hábito pretensioso do “especialista”. Diante de uma imagem – por mais recente e contemporânea que seja –, ao mesmo tempo, o passado nunca cessa de se reconfigurar, visto que essa imagem só se torna pensável numa construção da memória, se não for da obsessão. **Diante de uma imagem, enfim, temos que reconhecer humildemente isto: que ela provavelmente nos sobreviverá, somos diante dela o elemento de passagem, e ela é, diante de nós, o elemento do futuro**, o elemento de duração [durée]. A imagem tem frequentemente mais memória e mais futuro que o ser [étant] que a olha. (Didi-Huberman, 2015, p. 16)

Didi-Huberman nos mostra que uma imagem não está aprisionada ao tempo passado, pois o modo que observamos é contaminado pelo presente, nos fazendo pensar sobre nossa realidade. É curioso pensar que a imagem não se limita ao

presente, pois se entrelaça com as memórias, as lembranças e nossas construções passadas. Desse modo, uma imagem, um vestígio dos dias atuais pode ser capaz de fazer as histórias sobreviverem ao tempo.

Estar diante a um sítio arqueológico nos permite refletir sobre a paisagem que nos atravessa. Nisto, a importância do mediador em é “[...] oferecer meios para que cada sujeito que participa de uma ação mediadora possa criar [...] construindo diálogos que permitam esta ampliação de pontos de vista que tanto enriquece. [...] Um convite para vermos vendo, sentirmos sentindo, percebermos pensando” (Martins, 2014, p. 260).

Portanto, o papel do mediador é central na experiência com os sítios arqueológicos. No caso dos guias turísticos, cabe a eles conduzir os visitantes, contextualizar os espaços, planejar o percurso, narrar as histórias do lugar e esclarecer dúvidas, o que pode qualificar ou esvaziar a experiência, evidenciando a responsabilidade que assumem diante do público.

Nesse sentido, torna-se fundamental, discutir a mediação e as proposições: o que são, como se realizam e quais seus potenciais e sua importância no contexto da arte rupestre em Alcinópolis. Sobre ser propositor, Lygia Clark, menciona que:

Somos os propositores; somos o molde; a vocês cabe o sopro, no interior desse molde: o sentido da nossa existência. Somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. Sós, não existimos; estamos a vosso dispor. Somos os propositores: enterramos a obra de arte como tal e solicitamos a vocês para que o pensamento viva pela ação. Somos os propositores: não lhes propomos nem o passado nem o futuro, mas o agora. Lygia Clark (1968).⁶

Ser propositor, portanto, implica criar possibilidades de encontro, em processos dialógicos. Ainda, é preciso pensar sobre as concepções de arte, neste caso, de arte rupestre, e supor, isto é, problematizar o que é ensinado. Também, pensar a partir de quais contatos e vivências e que repertórios pessoais são mobilizados e que encontros podem ser significativos para quem aprende. Tais reflexões constituem possíveis percursos para a mediação, que é compreendida aqui como uma prática que articula proposição, experiência e diálogo.

Martins (2014) observa que a função “mediador” nem sempre corresponde à ação de mediar. A autora diferencia apresentação, explicação, interpretação, conhecimento teórico, informação e mediação cultural, ressaltando que essas ações

⁶ Disponível em: Nós somos os propositores | Acervo | Lygia Clark

podem se sobrepor, mas não são equivalentes (Martins, 2014, p. 252-253). Apresentar aproxima-se de introduzir um texto: coloca alguém diante de algo, por exemplo, uma obra, um autor, uma técnica.

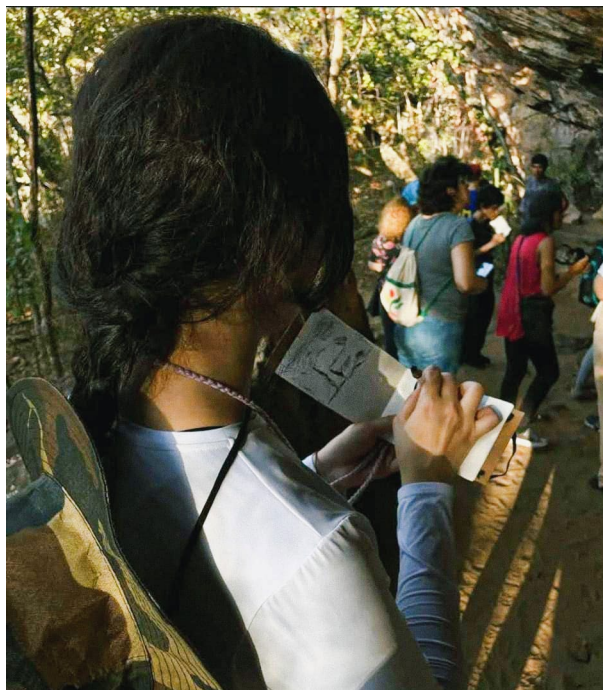
A explicação, quando utilizada de forma excessiva, pode tornar-se uma prática “brutalista”, que não considera a distância entre ensinar e aprender, nem abre espaço para dúvidas ou interpretações, encerrando-se na repetição. Já a interpretação diz respeito aos múltiplos pontos de vista e leituras que cada pessoa é capaz de produzir.

Desse modo, compreende-se que a mediação precisa ser entendida como ação e não apenas como rótulo atribuído a quem exerce funções de professor, guia, curador ou outros agentes culturais. Em muitos casos, essas pessoas atuam predominantemente como apresentadores, explicadores ou intérpretes, sem, de fato, promover processos mediadores.

No contexto desta pesquisa, ser propositos aparece como um caminho que se entrelaça com a mediação: significa construir possibilidades, processos e sentidos em colaboração entre quem conduz (professor ou guia turístico de Alcinópolis) e quem participa (alunos ou visitantes). Trata-se de equilibrar informações, explicações e apresentações com espaço para interpretações e experiências, de modo a favorecer encontros significativos com a arte rupestre e com a visita aos sítios arqueológicos. Assim, a mediação contribui para que diferentes públicos não apenas aprendam sobre esse patrimônio, mas também compreendam sua importância e atribuam sentidos próprios a ele.

2.1 Cadernos de Viagem

Figura 25: Aluna de Artes Visuais desenhando no sítio arqueológico



Fonte: Acervo Pessoal 2024.

Na figura acima, uma estudante do curso de artes visuais da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, desenha em seu caderno aquilo que seus olhos e sensibilidades percebem, entendendo que o olhar não é limitado apenas no campo da visão, mas envolve a totalidade do indivíduo que observa, mediante a sua individualidade (Martins, 1993). Assim, quando a aluna realiza o ato de registrar algo no caderno, não ocorre somente a reprodução daquilo que é visto, pois ali acontecem processos de observação, anotação, organização, reflexão e o ato de criação do desenho, tudo isso se entrelaçando a individualidade, experiências e subjetividade da pessoa que registra.

Essa ação ocorreu em uma excursão acadêmica em Alcinópolis, em que os universitários da capital do estado, previamente confeccionaram seus próprios cadernos feitos de papel kraft, barbante e folha sulfite, e a partir desse recurso, foi utilizado como material de registro das vivências oportunizadas ao visitar os sítios arqueológicos. Esses cadernos de campo atuavam como um espaço híbrido em que reúne a escrita e a criação de imagens, pensamentos e percepções que permitiam ressignificar as experiências, refletidas sobre os espaços dos sítios arqueológicos e suas paisagens, considerando à forma que as percebem.

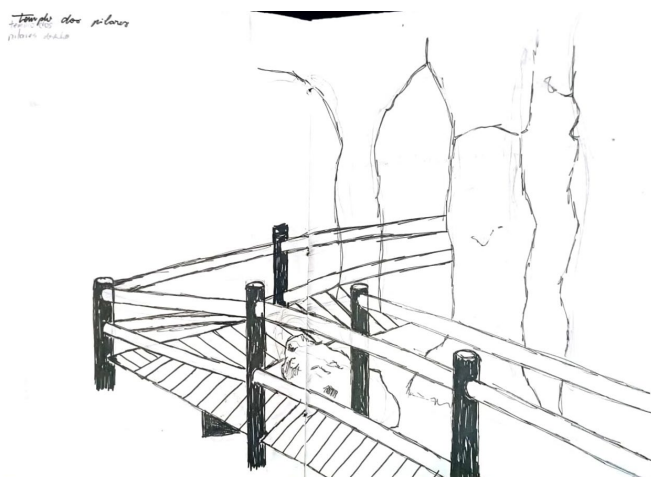
O caderno, aqui, desempenha características semelhante ao que Martins apresenta como *objetos propositores*, sendo eles, artefatos com a capacidade de ampliar as possibilidades de ensino e aprendizagem, pois são “[...] suporte, aberto e múltiplo, para o desafio de promover encontros significativos com a arte e a cultura” (Martins, 2005, p. 94). Nesse viés, o caderno de viagem pode ser capaz de orientar a atenção do olhar sobre aquilo que o estudante intenciona registrar, mudando a forma de ver e perceber o espaço, analisando os tons e sobretons, texturas, recursos ou técnicas, sobretudo referindo-se a arte rupestre e sua diversidade de pigmento natural e mineral, as formas e conteúdos, atentando-se também as proporções e perspectivas, a conservação e preservação e significações simbólicas e ressignificações a partir de suas interpretações.

Desse modo, este objeto pode promover encontros com a arte e a cultura, atuando como ferramenta de aprendizagem, justamente por não ser um objeto neutro, ao passo que se registra aquilo que é reinterpretado e reorganizado, por ultrapassar indivíduos que possuem subjetividades. Dialogando a essa ideia, a autora Derdyk expressa que “Ao desenhar, o mundo torna-se presente em nós” (Derdyk, 2015, p. 136). Logo, no momento em que se desenha no caderno, cria-se um espaço de diálogo íntimo com o mundo, não só armazenando o que é observado, mas de que maneira se observa.

Esse diálogo entre observador e o espaço observado ocorreu de modo significativo com os estudantes do curso de artes visuais ao visitar o Templo dos Pilares em Alcinópolis. O caderno dialogou como objeto propositor, propondo caminhos para organização do aprendizado em conjunto as ações condutoras de ensinamentos dos guias, além das trocas entre os colegas e a percepção individual sobre o espaço, os registros nos cadernos dos estudantes universitários, foram selecionados e fotografados a partir de uma curadoria da autora e dessa forma, reorganizados nesta pesquisa.

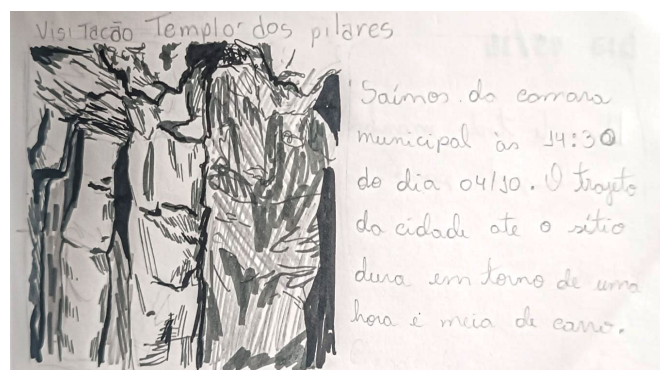
As figuras a seguir compõem ilustrações desenvolvidas a partir das experiências vivenciadas diante dos espaços do sítio arqueológico Templo dos Pilares.

Figura 26: Desenho da passarela e pilares do sítio Templo dos Pilares



Fonte: Cadernos de campo de estudantes do curso de Artes Visuais da UFMS (acervo cedido pela orientadora da pesquisa).

Figura 27: Desenho dos pilares e descrição da experiência da visita ao sítio



Fonte: Cadernos de campo de estudantes do curso de Artes Visuais da UFMS (acervo cedido pela orientadora da pesquisa).

A seleção das figuras, até o momento, possuem distinções e aproximações, pois estes desenhos foram elaborados com diferentes técnicas e materiais, mas a principal diferença surge por serem registros de cadernos de alunos distintos. É interessante observar que o mesmo cenário pode ser contemplado por perspectivas diferentes.

Figura 28: Desenho dos Pilares com pinturas rupestres



Fonte: Cadernos de campo de estudantes do curso de Artes Visuais da UFMS (acervo cedido pela orientadora da pesquisa).

Figura 29: Desenho do rosto do Guardiã lápis de cor e caneta



Fonte: Cadernos de campo de estudantes do curso de Artes Visuais da UFMS (acervo cedido pela orientadora da pesquisa).

Figura 30: Desenho do rosto do guardião em grafite



Fonte: Cadernos de campo de estudantes do curso de Artes Visuais da UFMS (acervo cedido pela orientadora da pesquisa).

Figura 31: Rosto do guardião em aquarela



Fonte: Cadernos de campo de estudantes do curso de Artes Visuais da UFMS (acervo cedido pela orientadora da pesquisa).

Figura 32: Desenho de paisagem



Fonte: Cadernos de campo de estudantes do curso de Artes Visuais da UFMS (acervo cedido pela orientadora da pesquisa).

Podemos observar que os cadernos com desenhos dos estudantes do curso de Artes Visuais são mais do que simples suportes de papel com representações fiéis do cenário. Na verdade, estes objetos são lugares de encontros: dos olhares, das memórias, da criatividade e imaginação, que configuram a mediação ocasionada entre os alunos, o sítio arqueológico e as paisagens, demonstrando caráter singular no modo de percebê-los.

Entre, os desenhos do mesmo local, seja ele os pilares ou o rosto do Guardião do Templo dos Pilares, que foram redesenhados, transparecem vestígios daqueles que representam a imagem, Martins vai afirmar que:

Uma paisagem, um cavalo, uma composição abstrata podem gerar diferentes representações, mesmo criadas por uma única pessoa [...] A realidade fotografada e desenhada, os modos diferentes de registrar a espacialidade através da perspectiva ou de deformações, possibilidades infinitas de registrar o sensível olhar pensante. Formas significantes diversas que provocam leituras de significados também diversos (Martins, 1993, p.7).

Assim, os detalhes do desenho, as espessuras da linha, a escolha das tonalidades, os materiais a serem utilizados, a luz e sombra detectada no momento, e inclusive, a interferência da ficção sobre a imagem, tudo isso é relacionado ao sensível olhar pensante no ato de criação de um desenho.

O caderno de viagem, sendo considerado objeto de proposição, favoreceu a percepção do espaço e a integração à ele, vinculando um maior envolvimento a partir das observações e interpretações orientadas pela vontade de registrar.

Com base nessas considerações, as visitas conduzidas pelos guias turísticos nos sítios arqueológicos de Alcinópolis, podem ser potencializadas, no sentido em que os guias são mediadores de informações e ensinamentos, e assim, interferem na experiência de aprendizagem e conexão com o local. Os cadernos propõem o enriquecimento na trajetória dos visitantes, sejam eles turistas ou estudantes conduzidos pelos profissionais nos sítios arqueológicos.

3. HISTÓRIAS QUE GUIAM

Figura 33: Instalação Primeira Pedra, 2015



Fonte: Mendes Wood DM de Matheus Rocha Pitta, acesso em <bit.ly/4nhA5Bx>

A instalação de arte exposta na galeria Mendes Wood DM no ano de 2015 e na Pinacoteca de São Paulo em 2019, que corresponde a figura acima, é representada como um ponto de partida da reflexão, pois ela propõe como reflexão a interação e a troca como instrumento de investigação e análise dos mecanismos que emergem a vida cotidiana (Almeida, 2023, p.9).

A obra em questão compõe uma sala cheia de pequenos cubos de concreto que estavam assinaladas como “Primeira Pedra”, as pessoas que visitavam o espaço detinham a possibilidade de interagir com a obra, participando do gesto de retirar uma das pedras produzidas pelo artista, com a justificativa de que: “*A primeira pedra que for encontrada na rua e encher sua mão pode ser trocada por uma destas esculturas [...]*”. Assim, a obra vincula as pessoas que visitam o espaço com a obra exposta, que poderia ser levada para casa pela pessoa participante da troca. (Pinacoteca, Pitta, 2019).

A relação desta instalação com este capítulo se dá a partir de uma metáfora entre os guias turísticos de Alcinópolis, com as mediações e interações sociais que

ocorrem no percurso de visita  o nos espaços arqueológicos, que ocorrem em diálogo com o visitante. Para compreender esse processo, foram entrevistados dois guias turísticos da cidade, denominados de: *Guia Templo* e o *Guia Pilares*. A entrevista foi baseada na metodologia de pesquisa da história oral, que envolveu, segundo Meihy (2023 p. 14) Um planejamento de condu  o das grava  es, definindo local, tempo de dura  o e fatores ambientais, além de envolver a autoriza  o de uso dessas grava  es, feitas com devidos equipamentos e que depois, foram transcritas para esta pesquisa.

Desse modo, foi elaborado um questionário semiestruturado que pode ser visualizado no Apêndice A, compondo sete perguntas que buscam entender o processo de media  o dos guias.

Iniciamos com uma breve apresenta  o dos entrevistados. O Guia Templo    natural de Alcinópolis e tem 22 anos, atua como professor de história, educa  o patrimonial, ambiental e arte rupestre, que    uma disciplina específica do município e    professor de inglês.    formado em história pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB) de Campo Grande e concluiu um curso de condu  o disponibilizado pela prefeitura de Costa Rica (MS), chamado "Curso de Competências Mínimas do Condutor em Ecoturismo e Turismo de Aventura".

O Guia Pilares tem a mesma forma  o no curso de condu  o de turismo, possui ensino médio completo, está cursando Engenharia Ambiental. Pilares tem 23 anos de idade, trabalha como diretor de departamento de planejamento ambiental na Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econ  mico e Meio Ambiente (SEMDEMA).

A primeira pergunta foi em rela  o    contribui  o do trabalho dos guias para popula  o local sobre os sítios arqueológicos, a resposta do Guia Templo foi:

Olha, eu acredito que a minha forma  o ela contribui no momento que ela traz para as crianças uma bagagem extra sobre as coisas que existem aqui dentro do município, [...] eu acredito que contribui para que as pessoas consigam enxergar na prática, n  , visualmente, o que a gente sempre escuta que tem dentro do município. Porque dentro da cidade a gente sabe que existe, mas aí quando você leva as pessoas do município para conhecer [...] elas ficam mais conscientes [...] (Guia Templo, 2025).

Em seguida, em uma rela  o mais específica sobre pertencimento, o Guia Pilares respondeu:

Bom, eu acredito que    muito importante para a popula  o por conta t  mb  m do pertencimento, o significado de pertencimento. Porque esse trabalho   

fazer isso. Levar a pessoa para entender o que ela tem na cidade e o que tem dentro desse patrimônio, para ela começar a entender e assim, saber quem são, e poder criar coisas novas sobre esse local, contribuir de várias formas, tanto no turismo quanto na cultura (Guia Pilares, 2025).

hooks em seu livro “Pertencimento: uma cultura do lugar” afirma o quanto a memória é preciosa, pois:

Nascemos e mantemos nossa existência no lugar da memória. Traçamos nossa vida por meio de tudo o que lembramos, do modo mais mundano ao mais majestoso. Conhecemos a nós mesmos por meio da arte e do ato de recordar. As memórias nos oferecem um mundo onde não há morte, onde somos sustentados pelos rituais de afeto e lembrança (hooks, 2022, p. 26).

As respostas dos dois guias se dialogam sobre pertencimento local, assim, a construção de identidade e a forma de manter a existência, está sempre atrelado às memórias e às lembranças. A resposta do Guia Pilares ao dizer que a função de seu trabalho “é fazer isso”, de guiar os visitantes, apresentando os sítios arqueológicos que tem na cidade, favorecendo o reconhecimento e a importância do espaço em que se vive, preservando a memória, por meio de contribuições das pessoas do município quando se conscientizam sobre o lugar.

A segunda pergunta foi em relação do planejamento de condução dos guias. A resposta do Guia Templo foi:

Depende muito do grupo que eu vou receber [...] precisamos primeiramente saber quem a gente vai conduzir e por que aquelas pessoas estão vindo, se é um grupo escolar, a gente lida de maneira mais lúdica, a gente diferencia nossa explicação. [...] Eu sempre costumo estudar um pouquinho antes [...], mas é sempre um ciclo, né? Dependendo do grupo que vem, a gente vai modificando as apresentações (Guia Templo, 2025).

Nessa mesma pergunta o Guia Pilares responde:

Nós mandamos um termo de consentimento de risco, onde descreve todos os perigos e dificuldades das trilhas, o local de visitação, a maioria é afastado da cidade. A gente pergunta o tempo de estadia do visitante e montamos um roteiro turístico específico para cada pessoa para satisfazê-la dentro do tempo que ela conheça a cidade e conheça o maior número possível de sítios (Guia Pilares, 2025).

O autor Alves referencia Wittgenstein ao afirmar que a: “Educação é o processo pelo qual aprendemos uma forma de humanidade. E ele é mediado pela linguagem. Aprender o mundo humano e aprender uma linguagem porque "os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo" (Ludwig Wittgenstein, s.d,

apud Alves, 1980, p.40). É interessante essa afirmação em comparação com as respostas dos guias entrevistados, pois ao conduzir uma visita a um sítio, estão atentos para compreender as necessidades de aprendizagem de quem é conduzido, como afirmam sobre a adaptação na linguagem e ao modo em que planejam as rotas especificamente a cada visitante.

Na terceira questão, foi perguntado: Como você se comunica com os diversos públicos? E quais são esses públicos? O Guia Templo respondeu:

Se é um público infantil, costumo separar muito bem, porque eles têm essa confusão: entre a idade dos dinossauros [...] a megafauna e os caçadores e coletores. Quando é um grupo mais velho, tento trazer questões da formação geológica daqui do cerrado. Então vou alterando justamente para encaixar com que a pessoa consiga fazer todo um contexto daquilo que está vendo (Guia Pilares, 2025).

O Guia Pilares teve uma resposta semelhante ao afirmar que:

O maior público hoje estando na secretaria, seria as crianças né? A comunicação com eles é mostrando o cotidiano, o dia a dia, a gente sempre busca trazer essa forma mais lúdica para incentivar eles a imaginar o que se tinha a 11 mil anos atrás. A maior parte das nossas vivências, das nossas conversas, são com adolescentes e crianças (Guia Pilares, 2025).

É perceptível um cuidado ao elaborar os roteiros, baseando nas respostas 2 e 3, os guias comunicam sobre tempo histórico, desenvolvem um processo imaginativo considerando o repertório das crianças, ao passo que aprendem sobre as pinturas e gravuras rupestres da cidade, isso recorda Freire em que argumenta:

A comunicação verdadeira não nos parece estar na exclusiva transferência ou transmissão do conhecimento de um sujeito a outro, mas em sua co-participação no ato de compreender a significação do significado. Esta é uma comunicação que se faz criticamente” (Freire, 1983, p. 47).

A comunicação que ocorre não se baseia na transmissão de conhecimento, mas se desenvolve dialogicamente com os visitantes. Para compreender ainda mais sobre esse diálogo, a quarta pergunta foi: durante uma visitação, como acontecem as explicações sobre gravuras e pinturas presentes nos sítios arqueológicos? E a resposta do Guia Templo seguiu desse modo:

Primeiramente eu mostro para as pessoas, tento diferenciar pintura e gravura para entenderem [...] também mostrar que a pessoa que faz a pintura, eles tinham uma vontade muito grande de fazer aquilo, porque elas estão em posições muito altas, então eles tinham o desejo que a gente percebe, de se comunicar. Falo que são feitas de representações das mais diversas cenas, podem se de animais, pessoas, grupos [...] e as gravuras que podem representar as mais diversas funções [...] (Guia Templo, 2025).

O Guia Pilares seguiu por essa colocação:

Bom, as pinturas a gente sempre inicia falando como que elas são produzidas, né? A partir de pigmentos, de sangue animal, gordura de animais também. E as gravuras nós explicamos a partir do momento que eles já tinham um pouco mais de conhecimento de conseguir fazer gravuras, fazer formas geométricas com pedras, com algum material cortante. Então, a gente sempre começa a explicar pelas pinturas, que provavelmente são mais antigas do que as gravuras nesses sítios arqueológicos (Guia Pilares, 2025)

Nas respostas dos guias é notável uma complementação um do outro, ainda que as entrevistas tenham sido separadas as respostas se dialogam, possivelmente pela convivência na experiência de trabalho e formação que ambos tiveram. As respostas fomentam esses segmentos: a produção das criações rupestres, como e porque elas eram feitas e os recursos para sua elaboração, além de evidenciarem os contextos de comparações e diferenciações entre pinturas e gravuras.

Um ponto importante sobre a mediação cultural, é o surgimento das variáveis, as possibilidades que surgem do “podem” e “provavelmente” expressos pelos guias, abrem brechas para curiosidades e possíveis interpretações, tal qual, o Guia Templo falou das representações simbólicas da arte rupestre e as diversas possíveis funções representativas. Martins vai afirmar sobre a mediação não ser isolada de seu contexto: “Assim, não mediamos apenas a obra de arte, mas o que está por trás dela, seja como acervo do museu, uma exposição temporária ou uma intervenção urbana por exemplo, e o que está na frente dela, nos percebendo visitantes turistas ou peregrinos” (Martins, 2014, p.260-261).

Para embasar os conhecimentos dos guias, na quinta pergunta, é questionado se eles detinham algum referencial teórico que apoia suas explicações e se caso, sim, quais, caso o contrário, explicassem o porquê. O Guia Templo disse:

Olha, grande parte das coisas que eu pesquiso [...] pesquiso por artigos [...] minha bagagem que tenho são dos professores de história ou de pessoas que estão envolvidas na área que me transmitem esse conhecimento. Mas eu também faço pesquisa por conta própria e por conta da minha faculdade, em que meu TCC foi da parte de Arqueologia, de arte rupestre, então eu tiro essa bagagem de pesquisas acadêmicas (Guia Templo, 2025).

Guia Pilares nesse mesmo sentido, respondeu:

Sim! A gente tem um livro que foi criado em parceria da UFMS com o antigo vereador, o Marcão, que a gente utiliza como base [...]. Também acontecem várias conversas durante as escavações com arqueólogos[...] para que passem esses conhecimentos [...]. Estamos sempre buscando alguns artigos científicos [...] e algumas publicações de estudantes [...]. Estou sempre buscando um pouco mais de conhecimento do nosso cotidiano (Guia Templo,

2025).

bell hooks expressa a necessidade de estarmos em pleno presente, pois:

Uma vez que nosso lugar no mundo está sempre mudando, precisamos aprender constantemente a estar presentes no agora. Se não estamos engajados por completo no presente, ficamos presos ao passado, e nossa capacidade de aprender diminui” (hooks, 2021a, p. 91).

Isso se relaciona com as respostas dos guias sobre a atualização e os estudos constantes, pois aprender se conecta à ideia de se adaptar às mudanças do mundo. Assim, ao continuar estudando, os guias reafirmam sua presença no presente, acompanhando as transformações.

A pergunta número 6, ocorre em razão de compreender os resultados das visitas mediadas nos sítios arqueológicos, a pergunta é: Como você percebe que a visita guiada foi formativa e o resultado foi positivo? Desse modo, o Guia Templo respondeu:

Eu noto que ela foi positiva quando você vê que a pessoa entendeu o que você está querendo transmitir, foi positivo quando ela dá uma devolutiva com pergunta, para mim essa é a maior informação que deu certo, quando ela pergunta, quando ela afirma, quando ela traz algo novo. [...] Eu sempre tento ver que foi positivo quando vejo que a pessoa ficou interessada naquilo [...] eu noto muito isso nos finais das visitas, que a pessoa fica empolgada com aquilo que ela viu (Guia Templo, 2025).

Na entrevista, o Guia Pilares respondeu a sexta pergunta desse modo:

[...] A partir do momento que a pessoa começa a falar: Nossa! Eu preciso trazer uma pessoa, minha família, os meus amigos. Então com isso, a gente consegue perceber que foi importante para ela [...] no sentido formativo, a gente consegue ver que teve conhecimento que ao longo de toda condução são pessoas que normalmente perguntam muitas coisas [...] Isso incentiva tanto elas a buscar conhecimento, tanto a gente também a falar mais sobre o local (Guia Pilares, 2025).

É empolgante notar um olhar curioso daqueles que, de certa forma, você está ensinando algo, Freire elucida que: “O exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do objeto ou achado de sua razão de ser” (Freire, 2022, p. 85). A curiosidade é um condutor da imaginação, intuição e emoção, além de outras potencialidades mobilizadas a partir do impulso curioso, os guias nesse sentido, expressam a curiosidade e emoções sentidas pelos visitantes.

Nas respostas dos guias, é perceptível que ocorreu uma mediação cultural através da devolutiva percebida, com falas e desejos de convidar terceiros para

vivenciar a mesma experiência. Por essa razão é importante flexibilidade entre explicar, apresentar e interpretar durante uma ação mediadora, para abrir espaços de encontros significativos no percurso de visita de um sítio arqueológico, acolhendo dúvidas e respeitando o espaço do diálogo e, para as interpretações.

A sétima pergunta investiga compreender, quais os aprendizados que os guias acreditam que os visitantes experienciam ao visitar um sítio arqueológico. O Guia Templo ofereceu a seguinte resposta:

Olha, eu vejo que os aprendizados que a pessoa pode ter, são de vários aspectos. Pode ser desde a parte do bioma daqui de Alcinópolis, tanto da formação geológica, quanto dos animais da fauna, e aí, entrando na parte da arte rupestre. Então, eu acho que na parte da visita, ela não se foca apenas em uma coisa, porque quando uma pessoa visita, ela querendo ou não, vai levar bagagem de todo esse ambiente que circunda o sítio rupestre (Guia Templo, 2025).

Na mesma pergunta, o Guia Pilares expressou:

Acredito muito que em relação ao pertencimento que já foi falado. O reconhecimento do local, também a educação patrimonial que a pessoa leva, a questão de não poder estar depredando aquele local, então a pessoa começa a entender que ali é um local único que também precisa ter cuidado e que ninguém tem o direito de modificar esses locais e que isso serve para cultura e história. [...] As pessoas começam a ter essa ciência, tanto do patrimônio, quanto da educação ambiental por estar dentro de uma unidade de conservação (Guia Pilares, 2025).

Ambos os guias acreditam que os aprendizados são múltiplos, não correspondendo a um modo padrão e fixo, mas que constroem sentidos únicos a partir da identidade dos visitantes e suas bagagens culturais, podendo carregar com ele, após uma visita: o sentimento de pertencimento, o conhecimento ambiental sobre biomas e a fauna local, conhecimento patrimonial e geológico, além da importância na preservação e conservação dos sítios e da arte rupestre.

Em conclusão das respostas dos guias entrevistados, é compreensível que à mediação envolve um conjunto, de “o que há por trás do que se observa”, sejam paisagens ou pinturas, gravuras e os espaços das cavernas e grutas. Inclusive, a experiência da mediação é afetada por diversos fatores, como a participação dos visitantes e a interferência dos guias, bem como os diversos possíveis acontecimentos que podem fugir do plano de condução, isso tudo molda a experiência e cria memórias desses espaços.

A autora Martins (2014, p. 259-260) destaca que a mediação cultural está além da obra e do visitante: “Proposições que se ligam a ação do diálogo, da conversa, que

pressupõem a escuta, o espaço do silêncio, a aproximação cuidadosa e sensível com o outro. Não há receitas de uma boa mediação cultural, pois a arte é um “bloco de sensações e, isto é um composto de perceptos e afectos”.

Assim, compreende-se que não existem receitas a serem seguidas em uma mediação cultural, a arte, como a autora descreve ser “um bloco de sensações” está além de explicações prontas, nesse sentido, revela-se a possibilidade de propor perguntas ao invés de “respostas prontas”, é possível que elas possam ser um caminho para reflexão da experiência. Pois como já argumentado, as brechas das variáveis abrem espaço para interpretação e a possibilidade para novas perguntas em busca por respostas.

3.1 Histórias que Ensinam

Figura 34: Objeto sensorial - Pedra e Ar



Fonte: Lygia Clark . *Pedra e ar* (*Stone and Air*). 1966 Museum of Modern Art (MoMA).

Disponível em:<<https://www.moma.org/audio/playlist/181/2396>>.

Para abrir este subcapítulo , utilizei a obra de Lygia Clark “Pedra e Ar” composta por um saco de plástico, elástico, seixo e ar. Essa obra envolve a colaboração do espectador e ganha uma dimensão entre a ação e a sensação que é provocada entre o toque, assim, a existência não é isolada, pois a obra só acontece na relação estabelecida entre ela e a quem manipula o objeto. Nessa perspectiva, materiais comuns só se tornam obra na relação com o corpo do participante. Como afirma Clark

(1968), “somos propositores: nossa proposição é o diálogo. Sós, não existimos”

Tomando essa ideia como metáfora, este subcapítulo busca compreender como professoras de Alcinópolis constroem experiências de ensino sobre arte rupestre e sítios arqueológicos, em diálogo com seus alunos. Portanto, vamos dar escuta às professoras, com o intuito de compreender essas relações de aprendizagem. As reflexões que norteiam esta escrita, são sobre quais propostas são desenvolvidas pelos professores ao ensinar sobre arte rupestre, de que forma, com quais objetos e materiais e ainda, quais são os desafios encarados em suas vivências educacionais ao trabalhar esse conteúdo?

Para responder essas perguntas, duas professoras da cidade de Alcinópolis foram sujeitas da pesquisa, uma sendo professora da Educação Infantil e outra, professora de arte, do ensino fundamental. Seus nomes foram ocultados sob pseudônimos para manter a preservação da identidade com anonimato, sendo elas: *Professora Barro Branco* e *Professora Pitoco*, as escolhas desses pseudônimos é em razão de representar os sítios arqueológicos estudados. As perguntas foram elaboradas em um questionário pré-estabelecido que encontra-se no **Apêndice C**, totalizando 10 perguntas, entretanto, foram selecionadas as que se articulam melhor com o objetivo desta pesquisa, determinando 6 perguntas.

É importante informar primeiramente a formação e atuação profissional das professoras entrevistadas, bem como uma apresentação inicial para compreender os contextos de suas respostas na entrevista. Na apresentação da Professora Barro Branco, foi informado que sua idade corresponde a 53 anos e é natural da cidade de Mineiros em Goiás, é atuante como pedagoga em uma escola de educação infantil, sendo concursada no município há mais de 33 anos. No ano de 2024 esteve em sala de aula como professora da educação infantil ao 1º ano do fundamental, e a sua formação é pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e pela Faculdade de Educação de Costa Rica (FECRA).

A Professora Pitoco possui a idade de 39 anos e ministra a disciplina artes, sua formação foi pelo Centro Universitário Claretiano (CEUCLAR) localizado em Campo Grande o qual cursou: Artes e Educação Artística EaD. Além disso, ela possui outras formações como Letras e Pedagogia pela cidade de Costa Rica. Seu tempo trabalhando em escolas é de aproximadamente 18 anos de experiência, atuando tanto no ensino médio quanto no ensino fundamental.

A primeira e segunda pergunta são relacionadas a visitação dos sítios arqueológicos da cidade, buscando entender se ocorreram em alguma de suas aulas, essa experiência prática com os alunos e se elas já haviam levado seus alunos para conhecer um sítio arqueológico. Ambas professoras, apresentaram respostas positivas, onde já conseguiram levar seus alunos e relataram diferentes experiências. A Professora Barro Branco com turmas da educação infantil, respondeu:

Sim, [...] ano passado eu levei minha turma do pré 1, eu já estava no curso de argila (Refere-se ao curso de cerâmica oportunizado pelo projeto Trilha Rupestre eixo Arte) Levei minha turminha lá, eles até produziram algumas coisas em argila e ficaram assim, encantados! [...] Nós fomos no sítio Templo dos Pilares que é o lugar mais acessível para levar crianças (Professora Barro Branco, 2025).

A professora Pitoco, com turmas do ensino fundamental e médio, respondeu:

Sim, sempre que a gente leva, a gente trabalha a teoria e aí a gente complementa com a prática levando no sítio né? Achei legal, assim, é preocupante porque a gente sai com criança e professor tem essa preocupação, né? De ter o cuidado com eles, né? mas achei muito legal a experiência, e assim, os alunos mesmo adoraram. Porque só falar na teoria é uma coisa, né? Quando você leva, eles vêem e você mostra o que a gente já viu [...] é um complemento e eles reconhecem (Professora Pitoco, 2025).

Considerando as respostas, é possível observar que a vivência prática em visitar um sítio arqueológico gera experiências de ensino e aprendizagem, ao passo que a Professora Barro Branco descreve seu alunos como “encantados” e a Professora Pitoco, ainda que preocupada com a segurança por estar fora do ambiente escolar, afirma uma experiência positiva. Nas relações entre a teoria e a prática de ensino, a autora Martins (2018) afirma que:

Numa busca pela coerência de ensinar fazendo, sem fragmentar teoria e prática e tentando pensar numa formação transformadora, precisaria pensar não só no conteúdo, mas no formato das aulas; não só na teoria que fundamenta o trabalho, mas na criação de um clima propício para questionar, ampliar e estender a potência de processos educativos tanto para eles e para elas, como para seus alunos e alunas (Martins, 2018, p.3-4).

A correlação entre teoria e prática visitando um sítio arqueológico enquanto os alunos aprendem sobre o conteúdo é notável, e a experiência de visitação fortalece os aprendizados.

Um terceiro questionamento está diretamente relacionado aos modos de preparo das aulas com a pergunta: Quando você ensina sobre arte rupestre na escola, como você prepara sua aula?

A Professora Barro Branco respondeu:

Eu conto a história do município que é riquíssimo, que é a capital da arte rupestre, e falo que as pessoas passaram por aqui há muitíssimos anos [...] porque eles são crianças pequenas, então eles não têm noção desse tempo [...] Eu começo com uma introdução e como não conseguimos visitar os outros sítios, eu mostro vídeos e fotos para eles também, [...] Tem uma importância, eles levarem esses assuntos para família. O meu intuito de ensinar sobre arte rupestre é porque as pessoas moram aqui [...] por incrível que pareça, não conhecem os sítios arqueológicos (Professora Barro Branco, 2025).

A Professora Pitoco relata: “Primeiro eu pesquiso e vejo a faixa etária que eu vou trabalhar. Mas eu começo a minha teoria pesquisando em livro, pesquiso o que tem na região e mostro através de imagem, de vídeo, com as práticas.” (Professora Pitoco, 2025).

A resposta da professora com nervosismo ao ser filmada e também ocorreram risadas captadas no áudio após sua sinceridade sobre a experiência com a entrevista, houve uma pequena pausa e um corte na gravação, pois ocorreu uma conversa para confortá-la na tentativa de transmitir segurança.

As respostas das professoras se relacionam, ambas utilizam fotografias e vídeos dos sítios arqueológicos. A Professora Barro Branco, acrescentou informações na pergunta afirmando, a importância de ensinar sobre arte rupestre, pois os alunos passam a ser transmissores desse conhecimento, podendo compartilhar as vivências e os aprendizados com a família através do diálogo. hooks (2020) afirma: “Aprendendo e conversando juntos, rompemos com a noção de que a experiência de adquirir conhecimento é particular, individualista e competitiva. Ao escolher e nutrir o diálogo, nós nos envolvemos mutuamente em uma parceria na aprendizagem” (hooks, 2020, p.81).

Desse modo, ainda que a compreensão das crianças, como a noção do tempo histórico seja diferente, o aprendizado pode ser partilhado a partir de suas experiências e entendimentos, tornando-se ainda mais significativos.

Na questão de número quatro, a pergunta foi: Em sua aula sobre arte rupestre, você utiliza materiais diferentes de papel e lápis? Caso sim, quais? Caso não, por quê não? Essa pergunta pretendeu investigar acerca de materialidades e possíveis objetos como propositores do aprendizado. A resposta da professora foi: “Sim! Eu utilizo argilas, açafraão, colorau, carvão, pinceis, além das coisas para cortar a argila [...] Data Show para mostrar fotos e vídeos né?” (Professora Barro Branco, 2025). E a resposta da Professora Pitoco foi: “Já utilizei carvão, papel kraft, já fizemos tinta natural, com açafraão” (Professora Pitoco, 2025).

Os recursos apresentados, embora diversos, são elementos consideravelmente comuns ao ensino de arte e possibilitam uma experiência sensorial e criativa, como o uso das argilas e na produção das tintas naturais, permitindo a experimentação de texturas, cores e formas.

Um destaque a ser considerado, são as intenções pedagógicas, os modos de condução desses materiais em aula, Martins (1993, p. 6)) vai afirmar que “[...] Mesmo que não lhe seja oferecido qualquer material, a criança desenha com o dedinho na poeira, com gravetos na areia e na terra, com a colher no prato de comida, com as mordidas no biscoito.

A seguinte pergunta da entrevista analisa os desafios encarados em suas vivências educacionais sobre esse conteúdo, sendo: Qual o maior desafio para ensinar sobre os sítios arqueológicos? A resposta das professoras na entrevista seguiu de modo semelhante:

O maior desafio que eu vejo é a ida até o lugar. Porque demanda um tempo. A prefeitura disponibiliza ônibus, mas tem alunos por exemplo, da zona rural, da fazenda. Então tem que estar lá até um horário [...] acho um tempo muito corrido pra gente poder admirar. Eu gostaria de ficar, o dia todo, com meus alunos por lá, com calma. Mas você gasta determinado tempo pra chegar [...] aí você chega, e tem um determinado tempo que precisa sair, minha dificuldade maior é com a escola rural (Professora Barro Branco, 2025).

Eu acho um pouco difícil de levar eles na prática, porque a arte rupestre é muito ampla né? Então acaba que a gente não consegue mostrar tudo que a gente queria mostrar. Por exemplo, quando a gente vai no sítio, a gente não pode passar o dia todo, porque tem uma logística, tem o contraturno. Eu gostaria de passar um dia inteiro, uma coisa assim, sabe? Mais devagar (Professora Pitoco, 2025).

Então falar sobre as pinturas e gravuras rupestres, em que a Professora Pitoco definiu como “amplas”, requer tempo nas explicações. Nas possíveis atividades educacionais nos sítios, tal como a Professora Barro Branco conseguiu realizar com práticas de produção de peças em argila, ou inclusive, a possibilidade de registrar em cadernos como no tópico 2.1 desta pesquisa, é necessário organização no planejamento metodológico, mas isso não impede que desafios aconteçam, como destaca a autora hooks: “A sala de aula é um dos ambientes de trabalho mais dinâmicos precisamente porque nos é dado pouco tempo para fazer muita coisa” (hooks, 2021, p.37).

A limitação do tempo é um dos desafios docentes em sala de aula, mas em uma excursão a um sítio arqueológico, pode ser ainda mais desafiador. Nesse sentido,

o educador Freire destaca que: “Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é a reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática” (Freire 2022, p.40).

Com a intenção de entender como os processos de ensino perpassam pelos alunos, durante a entrevista foi feita a seguinte pergunta: Depois dos alunos aprenderem sobre arte rupestre e conhecerem um sítio arqueológico. Você reconhece que os alunos compreendem a importância desses registros? A resposta da Professora Barro Branco, com alunos da educação infantil foi:

Eles compreenderam sim, porque têm vontade até de conhecer outros sítios. De tanto que gostam de ir. A gente vê a família comentando também, que chegou o recado até eles. Então, é sinal de que a compreensão que eles tiveram [...] foram muitos aprendizados. Eles entendem que outros humanos a muito tempo passaram na região, também dos animais que passaram e que eram animais diferentes dos que temos hoje [...] A caverna que era abrigo do sol, da chuva, então como era aquele modo de vida em paralelo com o tempo que nós estamos. Também sobre a preservação (Professora Barro Branco, 2025).

A Professora Pitoco, respondeu: :

Ah, muitas vezes pela fala deles, né? Pela questão do respeito, do cuidado, porque vai muito além da arte rupestre. Vai a questão do respeito pelos antepassados, porque a gente fala sobre isso. Do que passou, do registro que foi deixado. Eu vejo mais pelas falas deles, “Que legal professora!” ou “Professora, como eles deixaram isso aqui?” [...] A gente vê ao longo dos anos, a fala como avaliação, como um fechamento do conteúdo (Professora Pitoco, 2025)

A resposta da Professora Pitoco permite uma reflexão interessante sobre o respeito pelos antepassados, descreve de forma sensível o que é ensinado sobre os registros, “além da arte rupestre”, não só nos contextos visuais, mas também, nas dimensões éticas e culturais, fazendo relato dos comentários dos alunos como um retorno significativo. Sobre isso Pereira afirma: O Tempo Presente não é só uma passagem: é uma possibilidade inacabada entre o passado e o futuro (Pereira, 2009, p. 23).

Nesse contexto, o aprendizado pode ser lido como uma passagem do tempo, em que se ensina acontecimentos passados, no momento presente e criam possibilidades de entendimentos futuros em um espaço de construção de sentido que a professora vai observando ao longo dos anos.

Para encerrar este capítulo, uma pergunta que conecta as entrevistadas nesta

pesquisa foi: Você acha importante, junto com você, a presença de um mediador ou de um guia turístico? As professoras chegaram à mesma conclusão, concordando com a importância da presença. Vejamos:

Sim, claro, é importantíssimo! a presença do guia turístico, porque eles tem um preparo específico, pra tá falando de tudo que tem lá. Desde o começo da trilha, né? Agora está tudo cercado, tem as passarelas, que as crianças não chegam tão perto assim, mas ficam em cima da passarela, olhando cada desenho que representa uma coisa, contam a história desses povos [...] (Professora Barro Branco, 2025).

E a Professora Pitoco respondeu:

Acho sim, sem dúvida. Quando o guia está explicando, ele conhece mais daquele determinado local que até eu mesma.. Então, eu vejo a diferença nesse sentido. Acho importante, sim. Não é falando que um é mais importante que outro, não é isso. Mas eu acho que o guia tem aquela preocupação de saber daquele lugar. E. Eu ensino uma teoria, e eles vão ver o resultado dessa teoria, eles falam "Ó, professora, eu vi aquele desenho que a senhora me mostrou lá na sala".(Professora Pitoco, 2025).

As duas professoras concordam sobre a importância de um guia turístico nos sítios arqueológicos destacando o preparo e conhecimento específico sobre o local de visitação A Professora Pitoco enfatizou que seus conhecimentos enquanto professora e os saberes do guia turístico se complementam. O conteúdo é ensinado em sala de aula, mas a experiência ao visitar o sítio enriquece o aprendizado quando trabalhado coletivamente. hooks (2020, p.14), defende que as ações humanas devem ser guiados pela ética e a coletividade que promova diálogos construtivos visando o bem comum da humanidade. É nesse sentido que a união e o diálogo dos ensinamentos potencializam o aprendizado dos alunos visitantes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho objetivou investigar as práticas metodológicas que ocorrem sobre a arte rupestre na cidade de Alcinópolis, em compreender os percursos da mediação nos sítios arqueológicos e nas salas de aula, para isso, foram entrevistados dois guias turísticos e duas professoras residentes no município e atuantes em suas profissões. Com base no conjunto de suas respostas, foi intencionado analisar: O que é ensinado sobre a arte rupestre da região; de que maneira ela é elaborada e desenvolvida; na prática, os aprendizados sobre esse tema são significativos para quem aprende; e de que forma isso impacta àqueles que residem na cidade.

Nos conceitos de mediação e proposição que foram desenvolvidos nesta pesquisa, a partir de Mirian Martins e Lygia Clark, compreende-se que é necessária a construção dialógica de ensino e aprendizagem, apresentando possibilidades nas construções de sentidos e flexibilidade entre as explicações, apresentações e interpretações, considerando o repertório de quem faz a mediação, seja guia e/ou professor, em equilíbrio com os diversos públicos que, e se, aprendem e compreendem a importância da arte rupestre e os sítios arqueológicos da região.

Em conclusão das análises, ocorreram surpresas positivas nas respostas dos entrevistados e na maneira que rememoram às experiências dos visitantes e dos alunos no espaço arqueológico e na escola. Percebe-se preparo e conhecimento sobre o conteúdo, principalmente os guias, visto a formação específica, e por essa razão, a colaboração destes, em conjunto das professoras, proporcionam um coletivo de ensinamentos plurais, no sentido de interdisciplinaridade, pois diversos assuntos são abordados como: contextos geográficos, históricos, científico, sociais e culturais, sendo enriquecedores e formativos na experiência do aprendizado.

Os assuntos abordados na escola e na trilhas rupestre são formulados a partir de planejamentos de aula, ou de condução, feito de modo individualizado para cada visitante, em faixa etária e grau de conhecimento. Em cada caso, ocorre adaptação de linguagem e de metodologias de ensino para facilitar o acesso e compreensão do aprendizado. Destacam os guias, que a atualização do que é explicado teoricamente é estudado continuamente através de artigos científicos, livros e experiências práticas em escavações arqueológicas.

Compreende-se que ao visitar um sítio arqueológico potencializa o ensino

sobre arte rupestre e surpreendentemente, foi possível perceber que as escolas realizam visitas nesses espaços, as professoras já conheceram os sítios e inclusive conseguiriam levar seus alunos, assim como, nas entrevistas os guias enfatizaram essa presença em suas experiências de condução. Ambos destacaram detalhes positivos como encantamentos e empolgações percebidas, assim, desencadeando curiosidade e perguntas. Notou-se que os alunos também são capazes de tecer comparações e relações do que se observa pessoalmente com o que foi aprendido na escola em sala de aula.

Outros detalhes interessantes sobre a experiência positiva de visita em um sítio arqueológico, são: os diálogos que ocorrem após, em que é expressado o desejo de convidar outro visitante como familiar ou amigo para vivenciar a semelhante oportunidade. Também, os desafios enfrentados pelas professoras que gostariam de ficar mais tempo com os alunos no sítio, sem a pressa do cronograma planejado.

Por fim, nas diversas trocas que ocorrem entre os moradores do município, quando um aluno compartilha com os familiares e responsáveis que em diversos casos, não conhecem esses espaços e por conta da partilha das crianças ou dos adolescentes, passam a reconhecer e saber mais sobre esse patrimônio arqueológico local, dessa forma, impactando e favorecendo a noção de pertencimento ao município.

Desse modo, as narrativas das professoras Barro Branco e Pitoco, articuladas à metáfora dos objetos relacionais de Lygia Clark, evidenciam que o ensino de arte rupestre em Alcinópolis se constrói na intersecção entre experiência, mediação e diálogo. As visitas aos sítios arqueológicos, o uso de materiais diversos, as estratégias de aproximação com a comunidade e a atuação compartilhada entre professores e guias turísticos mostram práticas que deslocam o ensino de uma perspectiva apenas informativa para uma dimensão de vivência, experiência e coletividade.

REFERÊNCIAS

Aguiar, R. L. S. Arte Rupestre Em Mato Grosso Do Sul. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.

Aguiar, Rodrigo Luiz Simas De.; Landa, Beatriz Dos Santos; Goetttert, J. D. Reflexões Sobre As Relações Entre A Arte Rupestre De Alcinópolis, O Contexto Regional De Pinturas E Gravuras E A Mobilidade De Povos Caçadores E Coletores Em Mato Grosso Do Sul. Revista Ñanduty, v. 4, p. 64-73, 2016.

Aguiar, Rodrigo Luiz Simas De. Templo Dos Pilares – Alcinópolis. Dourados, MS: Laboratório De Arqueologia, Universidade Federal Da Grande Dourados, 2016.

Alcinópolis. Turismo – Locais E Guias. Prefeitura Municipal de Alcinópolis. Disponível em: <https://www.alcinopolis.ms.gov.br/hotsite/turismo/locais-guias.html>. Acesso em: 24 jun. 2025.

Almeida, Eloah Gadas De Matos Duvanel De. Da Proposição Ao Gesto: Diálogos Sobre Primeira Pedra De Matheus Rocha Pitta. 2023. Dissertação (Mestrado em História Social e da Cultura) – PUC-Rio, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/65689/65689.pdf>. Acesso em: 21 out. 2025.

Alves, Rubem. Conversas Com Quem Gosta De Ensinar. 1. ed. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1980. Disponível em: <https://sandramaggio.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/03/conversas-com-quem-gosta-de-ensinar-rubem-alves.pdf>.

Andrade, Carlos Drummond De. No Meio Do Caminho. In: AULUSMM. Alguma Poesia. Universidade Federal de Pelotas, 2016. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/files/2016/08/no-meio-do-caminho.pdf>. Acesso em: 4 maio 2025.

Berque, Augustin. Introduction. In: Berque, Augustin (Org.). *Cinq Propositions Pour Une Théorie Du Paysage*. Seyssel: Champ Vallon, 1994. p. 123.

Blau, Junior. Quatro Letras: A Língua Do Mundo. In: Martins, Mirian Celeste; Picosque, Gisa; Guerra, M. Terezinha Telles. *A Língua Do Mundo: Poetizar, Fruir E Conhecer Arte*. São Paulo: FTD, 2009. Adaptado. Disponível em: https://o.institutoreuna.org.br/downloads/primeirospassos/af/arte/percurso_af_ar_pf3/percurso_af_ar_pf3_anexo4_texto-apoio-quatro-letras_.pdf. Acesso em: 19 out. 2025.

Certeau, Michel De. A Invenção Do Cotidiano: Artes De Fazer. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

Cinear Produções. Alcinópolis - MS - 2024. Youtube, 2024. Disponível em: <https://youtu.be/sjsnm9aslia?si=qnwvzvsnfhfa5xr>. Acesso em: 28 jul. 2024.

Clark, Lygia. Pedra E Ar (Stone And Air). 1966. In: *Lygia Clark: The Abandonment Of Art, 1948–1988*. [Áudio/Playlist]. Nova York: Museum Of Modern Art (MoMA).

Disponível em: <https://www.moma.org/audio/playlist/181/2396>. Acesso em: 09 nov. 2025.

Delgado, Lucilia De Almeida Neves; Ferreira, Marieta De Moraes (Org.). História Do Tempo Presente. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.

Derdyk, Edith. Formas De Pensar O Desenho: Desenvolvimento Do Grafismo Infantil. Porto Alegre, RS: Zoukk Editora, 2015.

Didi-Huberman, Georges. Diante Do Tempo: História Da Arte E Anacronismo Das Imagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

Duarte, Laura Roseli Pael. Arqueologia E A Preservação Do Patrimônio Cultural: Educação Em Alcinópolis/MS. 2018. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2018.

Educativa MS. Templo Dos Pilares: Uma Viagem Pela História De Alcinópolis (MS). [S. l.]: TV Educativa, 2023. 1 vídeo (6 min). Disponível em: https://youtu.be/X_pawZmr30E. Acesso em: 24 jun. 2025.

Educativa MS. Expedição—MS Alcinópolis. Canal Rede E – TV, Rádio e Portal da Educativa, 28 de junho de 2023. Disponível em: <https://youtu.be/LAuFuuf15nE?si=H66cbsz8pix0cazl>. Acesso em: 17 jul. 2024.

Fischer, Ernst. A Necessidade Da Arte. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Zahar, 5. ed., 1976.

Freire, Paulo. Educação Como Prática De Liberdade. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

Freire, Paulo. Pedagogia Da Autonomia: Saberes Necessários À Prática Educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

Freire, Paulo. Pedagogia Da Autonomia: Saberes Necessários À Prática Educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

Freire, Paulo. Pedagogia Do Oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Hooks. Ensinando O Pensamento Crítico. 1. ed. São Paulo, 2020.

Hooks, Bell. Ensinando Comunidade: Uma Pedagogia Da Esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

Hooks, Bell. Pertencimento: Uma Cultura Do Lugar. Tradução de Renata Balbino. Revisão de Laila Guilherme e Érika Nogueira Vieira. São Paulo: Elefante Editora, 2022.

Inocêncio, Hugo Justino; Gaona, Jairo Campos. O Papel Das Unidades De Conservação No Município De Alcinópolis, Mato Grosso Do Sul. In: Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental, 8., 2017, Campo Grande, MS. Anais [...]. Campo

Grande, MS: IBEAS – Instituto Brasileiro de Estudos Ambientais, 2017. Disponível em: <https://www.ibeas.org.br/congresso/trabalhos2017/I-012.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2025.

Instituto Brasileiro De Museus (IBRAM). Caderno Da Política Nacional De Educação Museal. Brasília, DF: IBRAM, 2018. Disponível em: <https://www.iber museos.org/wp-content/uploads/2020/05/caderno-da-pnem-bra-compressed-1.pdf>. Acesso em: 1 maio 2025.

Inocência, Hugo Justino; Gaoana, Jairo Campos. O Papel Das Unidades De Conservação No Município De Alcinópolis, Mato Grosso Do Sul. In: VIII Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental, 2017, Campo Grande/MS. Campo Grande: Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, 2017.

Instituto Brasileiro De Geografia E Estatística – IBGE. Alcinópolis. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/ms/alcinopolis.html>. Acesso em: 17 jul. 2024.

Leão, Denise Maria Maciel. Paradigmas Contemporâneos Da Educação: Escola Tradicional E Escola Construtivista. Cadernos De Pesquisa, São Paulo, n. 107, p. 187–206, jul. 1999. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/685>. Acesso em: 23 jul. 2024.

Lhd UFMS. Templo Dos Pilares 360 – Descubra A Trilha Rupestre De Alcinópolis. Youtube, 14 jun. 2024. Disponível em: https://youtu.be/9jvp_pi0wfa?si=srkboecftvzt5mhv. Acesso em: 23 jun. 2025.

Lima, Keny Marques. A Arte Rupestre No Município De Alcinópolis – MS. 2014. 167 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2014.

Marques, Carina Domingues. A Arte Rupestre. Monções (UFMS/CPCX), v. 3, n. 4, p. [21-36], 2015. ISSN 2358-6524.

Martins, Gilson Rodolfo.; Kashimoto, Emília Mariko. 12.000 Anos: Arqueologia Do Povoamento Humano No Nordeste De Mato Grosso Do Sul. Campo Grande: FIC-FCMS/Life Ed., 2012.

Martins, Mirian Celeste; Americano, Renata Queiroz De Moraes. Nutrição Estética: Por Uma Didática Poética Na Formação Do Professor. Brasília, DF: 6 a 9 nov. 2018. Anais do XXVIII Congresso Nacional da Federação de Arte-Educadores do Brasil (FAEB) GT 05 – Formação de Professores(as). Disponível em: https://www.mirianceleste.com.br/_files/ugd/7ee6db_70b2fbd408044d55be989fa5141e9eb7.pdf. Acesso em: 12 nov. 2025.

Martins, Mirian Celeste. Mediações Culturais E Contaminações Estéticas. Revista Gearte, Porto Alegre, v. 1, n. 2, p. 25-42, ago. 2014. ISSN 2357-9854. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/334384858_mediaco es_culturais_e_conta

minacoes_esteticas/fulltext/5d26a5f1299bf1547cab5cf2/Mediacoes-Culturais-E-Contaminacoes-Esteticas.pdf. Acesso em: 30 set. 2025.

Martins, Mirian Celeste (Org.). *Mediação: Provocações Estéticas*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes. Pós-Graduação, v.1, n.1, out. 2005.

Martins, Mirian Celeste. *O Sensível Olhar-Pensante: Premissas Para A Construção De Uma Pedagogia Do Olhar*. Arteunesp, São Paulo, n. 9, p. 199-217, 1993.

Martins, Mirian Celeste; Picosque, Gisa; Guerra, Teresa. *Teoria E Prática Do Ensino De Arte: A Língua Do Mundo*. São Paulo: FTD, 2010.

Mato Grosso Do Sul. *Reforma Da EE Romilda Costa Carneiro É Entregue Durante 31 Anos De Emancipação De Alcinópolis – SED*. Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso do Sul, 2024. Disponível em: <https://www.sed.ms.gov.br/reforma-da-ee-romilda-costa-carneiro-e-entregue-durante-31-anos-de-emancipacao-de-alcinopolis/>. Acesso em: 9 jul. 2025.

Meihy, José Carlos Sebe Bom.; Holanda, Fabíola. *História Oral: Como Fazer, Como Pensar*. 2. ed. 11. impressão. São Paulo: Editora Contexto, 2023.

Mendes Wood DM. *Primeira Pedra – Matheus Rocha Pitta*. São Paulo, 28 fev. – 28 mar. 2015. Disponível em: <https://mendeswooddm.com/pt/exhibitions/201-primeira-pedra-matheus-rocha-pitta/>. Acesso em: 21 out. 2025.

Merleau-Ponty, Maurice. *A Dúvida De Cézanne*. In: Merleau-Ponty, Maurice. *O Olho E O Espírito*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2004. Disponível em: https://www.professores.uff.br/ricardobasbaum/wp-content/uploads/sites/164/2018/09/a_duvida_de_cezanne.pdf. Acesso em: 19 out. 2025.

Museu Do Cerrado. *Templo Dos Pilares – Alcinópolis – MS*. Disponível em: <https://museucerrado.com.br/arqueologia/arqueologia-ms/templo-dos-pilares-alcinopolis-ms/>. Acesso em: 22 jun. 2025.

Nepomuceno, Clara Alice. *Arqueologia Pré-Histórica De Alcinópolis - Mato Grosso Do Sul: Educação Patrimonial E O Programa De Extensão Trilha Rupestre - UFMS*. 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2023.

Ostrower, Fayga. *A Construção Do Olhar*. In: Silva, J. A. P.; Neves, M. C. D. N. (Eds.). *Imagem: Diálogos E Interfaces Interdisciplinares [Online]*. Maringá: Eduem, 2021, pp. 30-73. ISBN 978-65-86383-89-8. <https://doi.org/10.7476/9786587626079.0003>.

Pareyson, Luigi. *Os Problemas Da Estética*. São Paulo: Martins Fontes, s/d.

Pellanda, Nize Maria Campos; Gustsack, Felipe. Formação De Educadores Na Perspectiva Da Complexidade: Autonarrativas E Autoconstituição. Educação e Filosofia, Uberlândia, v. 29, n. 57, p. 225-243, jan./jun. 2015. ISSN 0102-6801.

Pereira, Mateus Henrique De Faria. A Máquina Da Memória: O Tempo Presente Entre A História E O Jornalismo. Bauru: Edusc, 2009.

Pinacoteca De São Paulo. Matheus Rocha Pitta: Primeira Pedra E Acordo. São Paulo, 16 fev. 2019 – 17 jun. 2019. Disponível em: <https://pinacoteca.org.br/programacao/exposicoes/matheus-rocha-pitta-primeira-pedra-e-acordo/>. Acesso em: 21 out. 2025.

Prefeitura Municipal De Alcinópolis. Portal Da Transparência. Disponível em: <https://www.alcinopolis.ms.gov.br/site/arquivos/3362>. Acesso em: 17 jul. 2024.

Reis, Marcos Antônio Dos. Alcinópolis: Uma Galeria Natural De Arte Rupestre. São Bernardo do Campo: Avante, 2023. 121 p. ISBN 9786584767584.

Rolnik, Suely. Breve Descrição Dos Objetos Relacionais. São Paulo: PUC-SP / Núcleo de Estudos da Subjetividade, 2005. Disponível em: <https://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/textos/suely/descricaorelacionais.pdf>. Acesso em: 09 nov. 2025.

Rüsen, Jörn. História Viva: Teoria Da História: Formas E Funções Do Conhecimento Histórico. Tradução de Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007.

Santos, Milton. A Natureza Do Espaço: Técnica E Tempo, Razão E Emoção. 4. ed., 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. (Coleção Milton Santos; 1)

Santos, Milton. Pensando O Espaço Do Homem. 5. ed., 4. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021.

Sarlo, Beatriz. Tempo Passado. Cultura Da Memória E Guinada Subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

Silva, Amanda Maria Soares. Sentimentos De Pertencimento E Identidade No Ambiente Escolar. Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 8, n. 16, p. 130-141, jul./dez. 2018.

Silva, Tomaz Tadeu da; Hall, Stuart; Woodward, Kathryn. Identidade E Diferença: A Perspectiva Dos Estudos Culturais. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

Souza, João Carlos De; Aguiar, Rodrigo Luiz Simas De. A Escavação No Sítio Arqueológico Templo Dos Pilares E Sua Relação Com A Ocupação Humana E A Produção De Arte Rupestre Em Mato Grosso Do Sul. 2017.

Templo Dos Pilares: Um Potencial Turístico Escondido Em Mato Grosso Do Sul. LETS – Laboratório de Estudos em Turismo e Sustentabilidade (UNB), [s.d.]. Disponível em: <https://lets.etc.br/templo-dos-pilares-um-potencial-turistico-escondido-em-mato-grosso-do-sul/>. Acesso em: 8 jul. 2025.

Torres, Thailla. Em Alcinópolis, Templo Dos Pilares É Visita Ao Passado Com Natureza Exuberante. Campo Grande News, 18 abr. 2017. Disponível em: <https://www.campograndenews.com.br/lado-b/diversao/em-alcinopolis-templo-dos-pilares-e-visita-ao-pastado-com-natureza-exuberante>. Acesso em: 22 jun. 2025.

UFMS. Exposição De Produções Em Cerâmica: Grupo “Mãos Que Moldam Alcinópolis-MS” E Programa Trilha Rupestre UFMS. Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 7 maio 2024. Disponível em: <https://artesvisuais-faalc.ufms.br/exposicao-de-producoes-em-ceramica-grupo-maos-que-moldam-alcinopolis-ms-e-programa-trilha-rupestre-ufms/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

Utuari, Solange. O Professor Propositor. In: 28º Seminário Nacional de Arte e Educação e 9º Encontro de Pesquisa em Arte, Montenegro, RS, 2012. Anais [...], ISSN 2359-6120 (Online), n. 23, p. 53-59, 04 out. 2012. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/anaissem/article/view/42/128>.

Veiga, Ilma Passos Alencastro. Profissão Professor: Até Quando? Pleiade, Foz do Iguaçu, v. 1, n. 1, p. 29–50, jul./dez. 2007. Disponível em: <https://pleiade.uniamerica.br/index.php/pleiade/article/view/57>. Acesso em: 23 abr. 2025.

APÊNDICE A

Apresentação: inicialmente a pessoa entrevistada informa seu nome completo, idade, sua formação e instituição, se possui atualmente formação continuada e apresenta sua área de trabalho atual.

1. Como seu trabalho contribui para formação da população local sobre os sítios arqueológicos?
2. Como você planeja e executa um processo de visita guiada
3. Como você se comunica com os diversos públicos? E quais são esses públicos
4. Durante uma visita, como acontecem as explicações sobre gravuras e pinturas presentes nos sítios arqueológicos
5. Você tem um referencial teórico que apoia as suas explicações? Se sim quais, se não, porque não
6. Como você percebe que a visita guiada foi formativa e o resultado foi positivo?
7. Quais aprendizados você acredita que as pessoas têm ao longo de uma visita
8. Tem algo que não foi perguntado que você gostaria de acrescentar nesta pesquisa?

APÊNDICE B**TERMO DE CONSENTIMENTO PARA USO DE IMAGEM E ÁUDIO**

Pesquisa: Educação pela Pedra: Arte Rupestre em Alcinópolis

Pesquisadora: Vanessa Andrade de Freitas

Instituição: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Eu, _____ (nome completo do(a) participante), declaro que estou ciente e concordo em participar da pesquisa mencionada acima, autorizando a gravação de minha imagem e de minha voz durante a entrevista. Compreendo que estas imagens e áudios serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, relacionados ao Trabalho de Conclusão de Curso da pesquisadora Vanessa Andrade de Freitas. Estou ciente de que não será possível retirar esta autorização após a participação, mas meu nome será protegido por pseudônimo na pesquisa, garantindo a preservação de minha identidade. Declaro, assim, meu consentimento para a utilização das informações coletadas conforme descrito acima.

Nome do(a) participante: _____

Assinatura/Rubrica do(a) participante: _____

Nome da pesquisadora: Vanessa Andrade de Freitas

Assinatura da pesquisadora: _____

Data: ____/____/____

APÊNDICE C

Apresentação: inicialmente a pessoa entrevistada informa seu nome completo, idade, sua formação e instituição, se possui atualmente formação continuada e apresenta sua área de trabalho atual.

1. Você já visitou um sítio arqueológico? Caso sim, como foi essa experiência, caso não, você tem interesse em conhecer?
2. Você já tentou ou conseguiu levar seus alunos para conhecer um sítio arqueológico? Caso sim explique como foi essa experiência, caso não, por quê não?
3. Quando você ensina sobre arte rupestre na escola, como você prepara sua aula?
4. Em sua aula sobre arte rupestre, você utiliza materiais diferentes de papel e lápis? Caso sim, quais? Caso não, por quê não?
5. Qual o maior desafio para ensinar sobre os sítios arqueológicos
6. Por que você considera importante ensinar sobre arte rupestre de Alcinópolis?
7. Depois dos alunos aprenderem sobre arte rupestre e porventura, conhecerem um sítio arqueológico. Você reconhece que os alunos compreendem a importância desses registros? Se sim, como?
8. Você já viveu alguma situação curiosa com os alunos quando ensinou sobre esse tema que envolve a cidade que eles moram?
9. Você acha importante junto com você a presença de um mediador ou de um guia turístico?
10. Tem algo que não foi perguntado que você gostaria de acrescentar na pesquisa?

Observação: Totalizam 10 perguntas mas somente as 6 destacadas foram utilizadas no momento desta pesquisa, por essa razão, elas foram renumeradas entre 1 a 6 em ordem sequencial.

VANESSA ANDRADE DE FREITAS

Nas Paredes das Cavernas: Sequência Didática de Projeto de Ensino

Projeto de Curso para o Ensino de Artes Visuais apresentado como parte dos requisitos para a aprovação no curso de Artes Visuais – Licenciatura – da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientação: Professora Dra. Rozana Vanessa Fagundes Valentim de Godoi

Campo Grande - MS
2025

1. APRESENTAÇÃO

O presente projeto de sequência didática surge a partir da minha pesquisa de conclusão de curso, que investiga a arte rupestre do município de Alcinópolis, mais especificamente sobre como ela faz parte da cultura do lugar e da cidade. Discorro sobre a história de um espaço e como a educação é um processo relevante na formação do município, especialmente na Escola Romilda Carneiro, mas também na Escola Alcino Carneiro, que carrega o nome do fundador da cidade. Logo, falar de escola já era um assunto imprescindível. Assim, a pesquisa se propõe a investigar como são os processos de mediação dos professores de arte da cidade de Alcinópolis sob a perspectiva da arte rupestre da região. Minha pesquisa segue, principalmente, uma abordagem como estudo de caso, com pesquisa de campo, e é baseada na metodologia de pesquisa da história oral, pois sou uma estrangeira da cidade, de acordo com as definições de Simmel “Se viajar é a liberação de qualquer ponto definido no espaço, e é assim a oposição conceitual à fixação nesse ponto, a forma sociológica do "estrangeiro" apresenta, por assim dizer, a unificação dessas duas características” (Simmel, 1983, p.1). Com base na afirmação do autor, considero-me estrangeira, tendo em vista que, ao ser uma viajante que pesquisa sobre a cidade de Alcinópolis, saio de um ponto fixo, da transição de um território para outro, neste caso, de Campo Grande para Alcinópolis. Estou em pontos de movimento, não presa a um estado físico de espaço, ou seja, não estou atada a um lugar específico, mas em deslocamento. Assim, torno-me estrangeira, pois unifico estar fixa em uma cidade, no caso, Alcinópolis, mas não me integro totalmente a ela. Estou fisicamente presente, mas minha relação com o lugar não é de pertencimento. É o movimento, no lugar que não é meu território, não completamente fixa. Estou (entre) estar presente no lugar, mas não totalmente integrada, não sou pertencente.

Portanto, seguir abordagens que se envolve em processos dialógicos com o outro, como o caso de uma metodologia da história oral, me conecto verdadeiramente com aqueles que pertencem a cidade e a pesquisa passa a não ser uma relação de subjugação, permanece ainda investigativo mas coerente com o campo que pesquiso, com a cidade que me desloco. Santos e Alves argumentam sobre pesquisa e coerência:

Pesquisar é estar em um espaço fronteiro e ambivalente. Pesquisar também é perceber as identidades, diferenças e que há outros sujeitos, outras pedagogias. É também a partir de um campo conceitual, pelo qual, por meio de alguns procedimentos de investigação e de análise, possamos produzir

dados coerentes com o campo de investigação (SANTOS; ALVES, 2023, p. 8).

Pensando na relação entre a pesquisa e estar em um espaço de fronteira, que possibilita reconhecer aqueles que habitam a cidade de Alcinópolis, pensei em relacionar as experiências de quem pertence à cidade: alunos da rede municipal da Escola Alcino Carneiro, do quarto ano do ensino fundamental.

O motivo de escolher crianças dessa série foi em razão da disciplina de Projeto de Ensino em Artes Visuais, na qual foram apresentadas as habilidades que devem ser desenvolvidas com as crianças e que têm relação com o eu, o outro e o lugar, considerando a espacialidade e a localidade. Outra razão é possibilitar o resgate de memórias da fundação da cidade e proporcionar um vínculo de gerações, conectando as crianças com seus familiares em processos investigativos sobre passado e presente, o que pode incentivar a memória viva, mas também o vínculo com o território e o pertencimento à cidade. Acredito que isso seja primordialmente importante antes de adentrar nos assuntos sobre arte rupestre na cidade, pois é essencial pensar no espaço em que se vive. Freire destaca em *Pedagogia da autonomia* que “é o saber da história como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo” (Freire, 2022, p. 74). É com essas possibilidades de compreender o espaço em que se vive, que possui contextos históricos de tempo passado e presente, que se entende não haver uma determinação de tempo em que o passado se encerra, mas que ele fundamenta o presente para compreendermos nossas origens, nossa cultura e, assim, nossas histórias, que ainda estão em desenvolvimento, assim como “o mundo está sendo”.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) incentiva as crianças do Ensino Fundamental I no que se refere à arte, propondo:

Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte. Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo (BNCC, 2017. P. 198).

Concluindo, assim como incentiva a BNCC, quero pesquisar uma sequência didática com o 4º ano do ensino fundamental para investigar e vivenciar os aspectos históricos da cidade, da fundação, da memória e, principalmente, sobre a arte rupestre da cidade, como podemos acessá-la, como ela é capaz de entrar nos contextos da história de um tempo passado que converse com o cotidiano das crianças, em um sentido não somente arqueológico, mas investigativo, ao ponto em que o aprendizado

faça sentido no presente, de conexões que afastam a inacessibilidade. Pensando não no “primitivo”, mas em investigações, que incentivem a imaginação, a percepção e a criatividade.

2. OBJETIVOS GERAL

1. **Investigar** a história da cidade, relacionando-a com reflexões sobre quem são e onde vivem. **Estabelecer** conexões e diálogos sobre identidade, os contextos familiares, o lugar onde moram e como essas histórias pessoais se entrelaçam com a cidade em que vivem. Essas trocas devem favorecer a construção da noção de identidade e pertencimento, por meio de interações entre o eu, o outro e o nós, dentro do contexto da cidade.
2. **Criar** vínculos entre o passado e o presente da cidade, **investigando** a memória viva do lugar.
3. **Construir** e **Cultivar** memórias e profundidades no vínculo com a cidade e proximidades geracionais entre familiares e colegas.
4. **Promover** diálogos através de mediações sobre a Arte Rupestre do sítio arqueológico Templo dos Pilares, **relacionando** as iconografias rupestres com possíveis interpretações do tempo presente. **Refletir** sobre o que as imagens poderiam representar, o que acreditam que queriam representar e o que os historiadores acreditam que possam ser. **Pensar** sobre o tempo passado e o tempo presente, com foco nas pessoas “pré-históricas”, **incentivando** a imaginação e a percepção do espaço e do contexto em que vivem.
5. **Desenvolver** projetos que corroborem com a percepção da história de diversos tempos passados, desde mais de 10 mil anos, os tempos dos familiares na cidade, até chegar ao presente. Os projetos devem **incentivar** a investigação, reflexão, diálogos e coletividade entre os colegas, além de corroborar com o desenvolvimento da criatividade, percepção e expressão da criação.

3. CONTEÚDO/TEMA GERAL

Memória, Identidade e Pertencimento: Investigar a história de Alcinópolis e a Arte Rupestre do templo dos Pilares.

4. IDENTIFICAÇÃO DO ANO ESCOLAR

Quarto ano do Ensino Fundamental.

5. SEQUÊNCIA DIDÁTICA

AULA 1 - CORETO E MEMÓRIA: EU, O OUTRO E NÓS (2h/Aula)

Objetivos específicos

- Visitar o coreto da Praça Dr. João Leite Schmidt, utilizando o espaço como ambiente para a aula, sentar em roda nesse espaço.
- Apresentar brevemente quem somos, compartilhando aspectos pessoais que nos conectam ao grupo (onde estudam, onde moram, série e turma).
 - Criar desenhos combinados com escritas, representando histórias e identidades de localidade, o local onde vivem, com quem convivem, e contextos culturais (como: religião, tradições, habilidades etc.)
- Compartilhar experiências e intenções das criações, promovendo trocas de vivências, percepções e expressões.
- Conhecer mais os outros e a si mesmos, por meio de investigações e reflexões sobre o "eu", refletindo sobre a identidade e o contexto cultural e social de cada um.

Conteúdo específico

- Trocas e memórias: Diálogos sobre cultura, identidade e história.

Procedimentos Metodológicos

Para nossa primeira aula, vamos fazer um passeio até a praça da cidade, a Praça Dr. João Leite Schmidt, localizada a 400 metros de distância da escola, o que equivale a aproximadamente 5 minutos de caminhada. Após nosso percurso, vamos observar o coreto da praça (Figura 1,2,3 e 4), enfim, subir ao coreto e vamos sentar em roda para que todos possam ver de frente uns aos outros e observar a árvore que fica no centro.

Vamos iniciar uma conversa sobre nossa volta, se já vieram aqui, o que acharam e, enfim, vou me apresentar de forma mais profunda, dizendo quem sou, de onde venho e explicando que não sou daqui, mas que conheço a cidade. Depois, pedirei que todos se apresentem brevemente (nome, idade, onde moram, série e turma). Vou explicar que serei uma professora temporária e que estou muito

empolgada. Em seguida, vou detalhar a proposta da aula, que é contar a história de cada um: quem são, quantos anos têm, quem são seus familiares, com quem moram, o que gostam de fazer, se nasceram em Alcínópolis ou vieram de outra cidade, o que gostam de brincar, se seguem uma religião, tradição ou costume. Será uma grande apresentação, um relato que contemple tudo o que puderem dizer sobre si mesmos e o que considerarem importante para compor o "quem sou eu". Será disponibilizado um conjunto de materiais, e, como todos estarão em uma superfície de piso, não haverá problema em desenhar no chão. Podendo se deitar no espaço, trocar e compartilhar os materiais.

Após o término das produções, vamos guardar os materiais e organizar os desenhos no chão, um ao lado do outro. Vamos caminhar em volta para observar todos os desenhos (ida e volta), para vê-los e revê-los. Em seguida, cada aluno pegará o próprio desenho e se sentará no círculo novamente. Por ordem de quem quiser falar primeiro (ou, em caso de conflito, seguindo uma ordem alfabética pela lista de chamada), cada um apresentará o que criou, o que quis representar. Durante as apresentações, tentarei estabelecer conexões; por exemplo, se um aluno disser que gosta muito de jogar futebol, perguntarei: "Mais alguém aqui gosta de futebol? Joga?" Nessas interações, vamos criando conexões por similaridades. Após cada apresentação, aplaudiremos o relato e a história do colega.

Quando todos terminarem, começaremos a fazer relações sobre coisas em comum que se repetiram entre eles, para perceber que em seus cotidianos existem proximidades. Destacarei contextos relacionados a lugares, como o fato de alguns morarem em fazendas e outros em determinados bairros. Vou encerrar a aula dizendo que, por mais diferentes que sejam, com histórias tão diversas, ainda assim têm muito em comum. Perguntarei o que eles acham que têm em comum e, caso não surjam respostas ou dependendo das respostas, incluirei mais pontos, explicando que isso se refere ao contexto cultural deles. Direi que apenas eles, como grupo, podem compartilhar algumas dessas semelhanças porque pertencem à mesma cidade, escola e bairro. Destacarei que suas histórias nunca estarão isoladas, pois sempre estamos ligados a outras pessoas de alguma forma.

Após essa conclusão, vou pedir que anotem no caderno alguns itens que precisarão trazer para a próxima aula, como fotos que possam ser recortadas, papéis de carta, fitas, laços ou objetos pequenos que tenham algum significado para eles. Pode ser algo como um brinquedo, um pingente de família, uma presilha de cabelo,

uma gravata ou até algo de casa que seja pequeno e leve, mas que tenha importância emocional, como um dente de leite que caiu, fios de cabelo, um pedaço de tecido de alguma roupa, entre outros. Esses objetos precisam ter uma relação de importância histórica ou emocional da família.

Também vou informá-los que, na próxima aula, além do passeio, será necessário que um familiar participe (pai, mãe, avô, avó ou outro parente). Esse familiar vai participar da aula contando como vieram parar em Alcinópolis, qual o início da relação de sua história com a cidade. Por fim, vamos encerrar voltando para a escola.

A escola vai disponibilizar o bilhete que convidará os pais, parentes ou cuidadores (somente um adulto) e também as informações de localização da Casa da Memória, data do passeio e horário, também constará os recursos que pedi (objetos pequenos de grande significação pessoal para a família -fotos, fio de cabelo, dente, presilha, tecido, gravata etc.).

Recursos

Papel colorido a3 e a4, tesoura e cola, papéis de 200g, lápis de cor faber castell-supersoft, régua, borracha, apontador, lápis grafite de diferentes espessura (2B, 4B, 6B e 8B), canetinhas, caneta para contorno.

Avaliação

A avaliação será processual e considerará diversos aspectos. Nesta primeira aula, serão avaliados: a participação, o interesse, a curiosidade, e as interações em diálogos reflexivos sobre o “eu” e o “outro” com os colegas. Além disso, será incluído um material físico de avaliação: o desenho desenvolvido para expressar suas histórias e a explicação sobre a intenção e a proposta do trabalho.

Conforme os princípios de avaliação de Luckesi, o processo será estruturado em quatro etapas: (1) Contexto – Considera o envolvimento dos alunos no passeio, incluindo sua organização, interesse e curiosidade pelo espaço, e sua participação nos diálogos e interações. (2) Entradas – Abrange as experimentações no espaço e a interação com as materialidades apresentadas. (3) Processo – Avalia o desenvolvimento da atividade, as trocas e a interação com os colegas. (4) Produto final – Refere-se ao desenho finalizado e sua apresentação em roda de conversa, onde os alunos compartilham suas histórias e intenções. (Luckesi, 2012, p.366)

AULA 2- CASA DA MEMÓRIA (2h/Aula)

Objetivos específicos

- Investigar a história da fundação da cidade por meio de uma mediação na Casa da Memória.
- Apresentar os objetos trazidos de casa, compartilhando suas histórias e significados pessoais.
- Fortalecer as conexões entre as histórias familiares e o contexto sociocultural da cidade, favorecendo o sentimento de pertencimento ao município.
- Desenvolver uma cartografia coletiva para resgatar memórias, conectando histórias familiares ao passado e ao presente da cidade.
- Praticar a noção de coletividade e a percepção do “nós” em relação à apropriação dos aspectos regionais do município.

Conteúdo específico

- A casa das nossas memórias: Colaboração afetiva em cartografias de memórias de Alcinópolis

Procedimentos Metodológicos

Nessa aula, os alunos e seus responsáveis se reunirão na escola para iniciar o passeio até a Casa da Memória. Um ônibus escolar será disponibilizado para o trajeto, que tem cerca de 700 metros e dura aproximadamente cinco minutos. Durante o percurso, explicarei que o museu abriga fotografias do início da cidade, retratando os primeiros momentos de Alcinópolis, e destacarei que haverá um mediador no local para compartilhar as histórias e os detalhes sobre tudo o que o espaço preserva.

Ao chegar no local, vamos assistir a explicação das histórias da fundação da cidade e observar as fotografias das pessoas responsáveis, assim como das primeiras famílias que vieram para o município. Depois, vamos observar os objetos guardados e expostos naquele local como telefones, câmeras antigas, fragmentos arqueológicos rupestres dos sítios e depois vamos para a sala de reuniões da secretaria do meio ambiente que fica no mesmo terreno.

Vamos sentar em roda entre os responsáveis e os alunos, nesse momento vamos conversar se já estiveram neste local antes ou se sabiam que havia um museu na cidade. Após essa conversa vou perguntar aos alunos quais objetos eles trouxeram

de casa que pedi na aula passada e quem quiser, pode falar o que trouxe e porque trouxe.

Após mostrar esses objetos, vou explicar que tudo pode ser resquício histórico que são chamados de “Materiais arqueológicos” vou criar uma hipótese rodeando a roda enquanto conto, explicando a seguinte situação: Se todo mundo de Alcinópolis desaparecesse, assim, do nada! o que sobraria para contar a história da cidade?? como poderiam as pessoas de fora ou do futuro, entender como as pessoas daqui viviam, quem vocês eram? e vou explicar que somente por vestígios que deixamos para trás. Até nossos lixos contam histórias, no lixo do “fulano”(citarei nome) posso encontrar uma chuteira estragada e eu poderia presumir que você gosta de jogar bola. Depois dessa situação, vou iniciar a proposta da atividade da aula de hoje, por essa razão eu quero que os responsáveis estejam presentes, para pensar **“Quando a história da família de vocês começou em Alcinópolis?”** Sobre quando vieram, quem veio, por qual razão veio e vamos criar uma cartografia gigante, explicarei que é como um mapa mental. Em um grande rolo de papel kraft está colado um esqueleto de linhas da cidade de Alcinópolis em um tom marrom um pouco mais escuro que o papel kraft (assim como na figura 5 e 6) serão cinco grandes rolos de três metros para dividirem. Nesse papel kraft os responsáveis junto com os alunos vão trabalhar com colagem, desenho e escrita para contar suas histórias para responder a pergunta e os responsáveis ajudaram e participaram com seus filhos para acontecer um diálogo sobre o contexto que vivem atualmente graças ao passado de sua família.

Depois que eu explicar, vamos forrar os papéis no chão e enquanto os alunos e seus responsáveis desenvolverão suas criações, vou ajudando a tirar dúvidas e conversando sobre o processo enquanto criam.

Depois que concluírem, vamos conversar com aqueles que quiserem compartilhar suas histórias sobre quando chegaram em Alcinópolis, vou priorizar os alunos para responderem e depois deixarei os responsáveis participarem dessa troca. Vou mediar para possibilitar a refletir sobre “quando chegaram aqui, por qual razão, em qual momento, por que seu objeto é importante para sua história e da sua família, o que você quis representar com os desenhos ou escritas etc”. Após pelo menos três e no máximo seis alunos ou responsáveis participarem da conversa, vamos finalizar a aula expondo as cartografias no próprio museu Casa da Memória para poderem visitar outro dia e poder levar outros membros da família e amigos para contemplar suas criações.

Recursos

Ônibus escolar, papel sulfite, papel colorido, tesoura, cola, fita, kraft com mapa da cidade, canetinhas, lápis de cor Faber Castell-supersoft, giz de cera, barbantes coloridos, borracha, apontador, lápis grafite de diferentes espessuras (2B, 4B, 8B) e caneta de contorno.

Avaliação

A avaliação será processual, levando em consideração o desenvolvimento dos alunos em relação às reflexões de Luckesi, como: (1) Contexto – A visita à Casa da Memória, o interesse e a participação dos alunos, se trouxeram os objetos propositores solicitados na aula anterior, além da participação por meio de olhares atentos, escuta ativa ou expressões de pensamento e comunicação. (2) Entradas – Conhecer o museu e a experimentação da materialidade, tanto dos objetos trazidos quanto dos materiais utilizados para a cartografia. (3) Processo – O desenvolvimento das cartografias em família, incluindo diálogos parentais e históricos sociais entre os familiares. (4) Produto final – O resultado que será exposto na Casa da Memória, bem como o processo de compartilhar experiências e o desenvolvimento do processo da cartografia (Luckesi, 2012, p.366).

AULA 3- UMA PEDRA NO CAMINHO (2h/Aula)

Objetivos específicos

- Observar o mapa do município para identificar as referências na cidade em relação à arte rupestre.
- Compartilhar experiências sobre arte rupestre na cidade, como visitas aos sítios arqueológicos ou nas praças, ou observações das pinturas no muro da escola.
- Criar pinturas em pedras que representem situações, objetos ou pessoas significativas do cotidiano da escola ou fora dela.
- Distribuir as pedras em cantos da escola, espalhadas pelo chão, a fim de registrar suas representações, ocupando o espaço onde convivem.

Conteúdo específico

- Pedra no meio do caminho: Arte rupestre e cotidiano da escola

Procedimentos Metodológicos

Primeiro, vamos nos deslocar até o pátio da escola, onde organizaremos as mesas em dois grupos, uma em frente à outra, criando quase um grande quadrado. Isso nos dará mais espaço para organizar os materiais e permitirá que todos estiquem os braços com facilidade (imagem do pátio figura 7). Também vamos posicionar dois bancos, um em frente ao outro, para nos aproximarmos e poder observar uns aos outros.

A aula começará com um mapa da cidade de Alcinópolis, impresso em tamanho A1(841x594mm) e acomodarei sobre o centro da mesa. Nele, estará circulado com caneta permanente vermelha alguns pontos importantes da cidade, como a Praça da Mão, a Prefeitura, a entrada da cidade, a Secretaria do Meio Ambiente e a própria escola. Em seguida, vou perguntar aos alunos por que acham que esses pontos foram circulados no mapa. Se eles conseguirem identificar o motivo, vamos continuar a conversa. Caso contrário, explicarei que esses locais possuem alguma referência com a arte rupestre. Na entrada da cidade, existe um grande monumento que diz "Alcinópolis, Capital da Arte Rupestre", na Prefeitura há uma placa na parede, na Praça da Mão há uma escultura de uma mão e, na escola, temos grafites e pinturas sobre arte rupestre também.

Depois disso, vou questionar os alunos sobre a possibilidade de já terem visitado algum sítio arqueológico da cidade ou se conhecem as representações de arte rupestre das quais comentamos, ou se já ouviram falar em alguma outra aula. A partir das respostas, vou explicar que esses sítios contêm pinturas rupestres, feitas há cerca de 10 mil anos, pelas pessoas que já habitavam a região.

A seguir, farei uma contextualização histórica, explicando como, há 10 mil anos, não existiam casas, bicicletas, roupas, brinquedos e muito menos um celular. Era apenas a natureza e as pessoas habitavam esse espaço, e as cavernas eram usadas como casas para se proteger do frio, da chuva e para se abrigarem. Por isso, as cavernas estão cheias de pinturas nas paredes, feitas para registrar o cotidiano daquela época, como animais e elementos da floresta, também possíveis rituais, mas o foco é: representavam seu cotidiano. Vou também explicar que algumas pinturas, como sapos e aranhas, retratam coisas que aquelas pessoas viam no seu dia a dia, por essa razão as paredes possuem essas representações.

Agora, vamos refletir sobre o que nós, no presente, gostaríamos de deixar registrado para o futuro. Assim como as pessoas da antiguidade, nós também

podemos registrar nossas vidas. Vou pedir que cada um pense no que gostaria de deixar registrado nas pedras para as pessoas de 10 mil anos do futuro. Pode ser algo do cotidiano da escola, como o nome, um autorretrato, os colegas, ou até um desenho relacionado à sua matéria favorita, como uma bola de futebol, se alguém gosta de Educação Física. Também podemos homenagear a família, amigos ou até o animal de estimação. Cada um vai pintar sua pedra com o que gostariam de deixar registrado pelo tempo..

Durante a atividade, vou disponibilizar várias pedras e materiais para desenho. Vou fazer a minha própria pedra também, registrando algo que é importante para mim, naquele momento para trabalharmos todos juntos envolvidos verdadeiramente no ato de criação. Quando terminarmos, vamos reservar um tempo para dialogar sobre o que cada um representou e o porquê. Esse será um momento de troca de ideias e significados sobre as nossas criações.

Por fim, vamos espalhar as pedras pela escola, colocando-as em diferentes lugares, como a quadra, a cantina ou o corredor. O objetivo é ressignificar o espaço e criar uma conexão mais profunda com os lugares onde convivemos, deixando um pouco de nossa marca no ambiente escolar. Encerraremos a aula refletindo sobre como, assim como as pinturas rupestres, nossas representações podem ficar registradas no tempo e no espaço.

Recursos

Pedras, canetas posca, lápis grafite (6B e 8B), carvão, canetinhas, cola, água e pincel, mapa da cidade, canetas permanentes.

Avaliação

A avaliação será processual, levando em consideração o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, com base nas reflexões de Luckesi: (1) Contexto – Participação, curiosidade e interesse, expressados por meio de olhares atentos, escuta ativa e trocas de pensamentos e comunicação. (2) Entradas – Conversas e reflexões sobre a arte rupestre na cidade, suas memórias, o repensar dos espaços que ocupam na cidade e as conexões com o que estão aprendendo. Também inclui a exploração da materialidade, com escolhas e experimentações das pedras para desenho e dos demais recursos. (4) Processo – O desenvolvimento da

atividade e a intencionalidade do que criam em relação à proposta apresentada. (4)
Produto final – A finalização das pedras, o compartilhamento e a troca entre colegas, bem como o resignificar dos espaços cotidianos na escola, considerando em quais áreas as pedras serão colocadas. (Luckesi, 2012, p. 366)

AULA 4- TEMPLO DOS PILARES (2h/Aula)

Objetivos específicos

- Observar os vestígios rupestres do Templo dos Pilares e compreender como esses vestígios arqueológicos documentam histórias das pessoas daquele período histórico.
- Imaginar como era a vida dos humanos “pré-históricos” que viviam na região de Alcinópolis, imaginando cenários das cavernas como casa, os costumes dessas pessoas relacionando o tempo mas também imaginários.
- Criar desenhos com referência às observações da caverna, das pinturas rupestres, gravuras ou cenários que foram observados no caderno.
 - Dialogar reflexões sobre as iconografias das cavernas sobre percepções, imaginários e possíveis interpretações de seu significados.

Conteúdo específico

- Passeio pelo imaginário: Viagem ao Templo dos Pilares

Procedimentos Metodológicos

Vamos fazer uma trilha no sítio arqueológico “Templo dos Pilares”, junto com um guia de história que já estará de acordo sobre nosso processo de mediação, que é coletiva, o guia explicando a perspectiva histórica e eu faria um modo de adaptação da linguagem aos contextos do aluno, como se fosse uma tradutora.

Marileide Esqueda, em sua tese de mestrado, documenta os conflitos enfrentados pelo tradutor e no processo de tradução, conforme teorizado por Paulo Rónai. O autor aborda os desafios inerentes à tradução, destacando que ela vai além da simples substituição de palavras de um idioma para outro. Nesse contexto, o tradutor atua como um mediador cultural, buscando dar sentido à transposição linguística. Assim, traduzir exige mais do que transferir um idioma para outro; é

necessária uma postura de não neutralidade na relação entre tradutor, língua e ato tradutório (Esqueda, 1999, p. 9-37).

Dessa forma, atuaria como tradutora não apenas fazendo uma adaptação da linguagem do guia historiador para a linguagem das crianças, mas faria uma interferência do meu próprio modo em que interpreto e gostaria que os alunos fizessem reflexões. Vou mediar em conversas, questões sobre os humanos da “pré-história” que aqui moravam, na cidade em que os alunos também vivem que é Alcinópolis, mas os seres humanos já viviam aqui muito antes, há cerca de 10 mil anos. Vamos criar um diálogo para “humanizar” essas pessoas do passado, imaginando suas vidas neste território, aproximando a vida deles com as nossas.

Ainda naquele tempo, vamos refletir sobre como algumas partes do sítio arqueológico se parecem. Por exemplo, certa vez, em minha primeira visita ao Templo dos Pilares, um guia mencionou que uma parte da caverna, por dentro, se parece com um banheiro (ver figura 8). Quando observarmos os grafismos de incisão, chamados de petroglifos, mas que comumente se escuta o termo gravura, rupestre, vamos criar suposições, tentar imaginar sobre as pessoas daquele tempo sentirem tanta necessidade de gravar algo, ao passo em que deixam marcado na pedra, como se apenas a pintura não bastasse, era uma necessidade de furar uma rocha, de esfregar uma pedra sobre a caverna ao ponto de furar, fazer arranhos nessa rocha, como as marcas que os arqueólogos dizem sobre “ser o pé de uma criança”, as patas de onça (uma marca famosa na arqueologia de Alcinópolis) ou o formato de “V” que lembra patas de pássaros e, segundo historiadores, simboliza a fertilidade. A ideia é incentivar os alunos a imaginar e interpretar essas pinturas e gravuras com base em sua criatividade.

Depois dessas reflexões e diálogos, vamos sentar em um lugar que parece uma sala de aula — que já observei em trilhas anteriores (ver imagem 9 e 10). Lá, desenharemos com carvão, lápis sanguínea, lápis de cera e até lápis de cor. Os desenhos serão baseados em observação: iconografias que os alunos acharem interessantes na caverna, situações que estamos vivenciando no local ou até a própria caverna. Nas imagens de (figura 11) há crianças que já visitaram o templo dos pilares e tiveram mediação naquele espaço, só que com cerâmica.

Após a finalização dos desenhos, seguiremos até o mirante, no final da trilha. Lá, observaremos juntos o topo, mantendo uma distância segura da borda, e o guia estará à frente do grupo. Por fim, retornaremos à escola e encerraremos a aula com

um lanche coletivo no ônibus.

Recursos

Mochila com cadernos, lápis sanguínea, carvão, borracha, lápis grafite de diferentes espessuras (2B, 4B, 6, 8B), lápis de cor Faber Castell-supersoft, giz de cera, papel vegetal semi-transparente canson, garrafas com água, chapéu, lanches.

Avaliação

A avaliação será processual, levando em consideração o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, com base nas reflexões de Luckesi: (1) Contexto – A locomoção até o espaço do templo, o interesse e a participação dos alunos, a curiosidade, os olhares atentos, a escuta ativa, a participação verbal por meio de diálogos e interações, e a organização para evitar que se distanciem, minimizando possíveis riscos de se afastarem do guia ou da professora. (2) Entradas – As imaginações e participações por meio de diálogos sobre a interpretação das iconografias do templo, a reflexão sobre o espaço em relação à contemporaneidade, a noção arquitetônica de casa e o repensar dos espaços das cavernas. (3) Processo – A elaboração de desenhos de observação. (4) Produto final – A finalização das atividades, o compartilhamento de relatos de experiências sobre o processo e as imaginações e vivências adquiridas durante o dia. (Luckesi, 2012, p. 366).

AULA 5- CAVERNA (2h/Aula)

Objetivos específicos

- Estimular a criatividade ao imaginar a intencionalidade e expressões das pessoas “pré-históricas”, como viviam e como se expressavam nas paredes das cavernas.
- Participar de colaborações em grupo, trabalhando em coletivo para transformar a sala de aula em caverna.
- Experimentar diversidades de materiais e técnicas não convencionais na aula de arte.
- Criar memórias de uma vivência escolar coletiva através da construção da

caverna, conectando aprendizados na prática conversante com as teorias já aprendidas.

Conteúdo específico

- Caverna Sala de Aula: Arte Rupestre, imersão e criação colaborativa.

Procedimentos Metodológicos

Para essa aula, vamos transformar a sala de aula em uma caverna, criando um ambiente de imersão desde a porta de entrada, até as paredes, a lousa e o chão, possibilitando o estímulo da imaginação, criatividade e colaboração dos alunos. O processo dará início com a preparação do espaço: a sala já estará sem as carteiras, completamente vazia. Vamos começar com uma conversa: “A sala está vazia, conseguem imaginar por quê?”. Em seguida, vou explicar que hoje vamos criar uma caverna, a caverna do quarto ano, inspirada na do Templo dos Pilares, mas essa será exclusiva deles. Por isso, é importante que se envolvam no processo, a aula de hoje vai envolver muita criação, não só do espaço mas com próprias iconografias nas paredes, como fizeram na terceira aula com as pedras.

Iniciaremos a montagem colocando tapetes no chão da sala, que simulam a textura de areia e terra (figuras 12, 13 e 14). Enquanto faço isso e coloco uma cortina preta nas janelas, os alunos separarão os materiais que eu trouxe. Depois, começaremos pela entrada: utilizando cola, água e papel kraft, faremos colagens com sobreposição de camadas ao redor da porta, usando o papel molhado para criar texturas que simulem a entrada de uma caverna (figuras 15, 16 e 17). A intenção é que, ao entrar, os alunos e a comunidade escolar sintam-se como se adentrassem em uma caverna escura ou com pouca luz visto que também vamos usar algumas luminárias, com pinturas nas paredes e na entrada, textura no chão do tapete, podemos pensar inclusive em colocar sons de natureza em uma caixa de som escondida na sala, a intenção é fazer uma imersão ao adentrar a sala, como se realmente visitassem uma caverna.

Na lousa, vou escrever no centro: “*Caverna do Quarto Ano*”, e os alunos poderão compor pequenos desenhos ao redor, utilizando giz de lousa ou canetas próprias para quadro branco, dependendo do tipo de lousa disponível.

Nas paredes laterais da sala (exceto a da lousa e a da cortina), iremos forrar com papel kraft e fita adesiva. Nessas paredes, os alunos terão à disposição giz pastel

oleoso, giz de cera, canetões, canetinhas e carvão para desenhar. Além disso, utilizaremos tinta invisível fluorescente, que só pode ser visualizada com luz negra. Cada aluno ganhará uma mini lanterna de luz UV para desvendar os “desenhos escondidos” por eles.

Essas duas aulas serão dedicadas exclusivamente à montagem da caverna. Em outro momento, a escola realizará um evento para a exposição, no qual os responsáveis dos alunos, serão convidados a conhecer o trabalho realizado pelos alunos. Durante todo o processo, além de criar uma instalação imersiva, darei ênfase nas informações já aprendidas sobre arqueologia e arte rupestre. Também explicarei o nome da atividade que estamos fazendo, que é uma instalação, e explicarei seu propósito e como muitos outros artistas fazem trabalhos nesse sentido, destacando a relevância do que estamos fazendo. Durante a montagem, vamos ter conversas para compartilhar percepções, experiências e criações, para valorizar e potencializar ainda mais o processo de colaboração e participação ativa.

Recursos

Lanterna led luz uv, luminária amarela quente da shoppe, tinta invisível “Fluorescent” de luz negra, lápis sanguinea, carvão, giz de cera, giz pastel oleoso, dois rolos de papel kraft, cortina preta, tapetes, caixinha de som, caneta para lousa, giz de lousa, apagador, lápis grafite de diferentes espessuras (2B, 4B, 6, 8B), pincéis, cola, água e tesoura.

Avaliação

A avaliação será processual, levando em consideração o processo de aprendizagem e desenvolvimento dos alunos, com base nas reflexões de Luckesi: (1) Contexto – Participação, curiosidade e interesse, expressos por meio de olhares atentos, escuta ativa e diálogos iniciais sobre a criação da própria caverna. (2) Entradas – Conversas, dúvidas e reflexões sobre a arte rupestre vista no templo, repensando a criação de suas próprias cavernas com foco na coletividade entre os alunos e nas identidades presentes em suas representações. Também inclui explorar, testar e experimentar as materialidades para dar início à atividade. (3) Processo – Desenvolvimento da caverna, considerando o espaço e a intencionalidade de sua organização, como a criação de texturas e a tentativa de representar características e identidades próprias inspiradas na caverna observada. (4) Produto final – O resultado da caverna, com o processo de aprendizagem acontecendo por meio das interações, da comunicação e do desenvolvimento do trabalho coletivo. (Luckesi, 2012, p. 366)

6. AVALIAÇÃO

Meu processo de avaliação será contínuo, uma avaliação diária Processual, focada no acompanhamento de aprendizagem de cada aluno, levando em consideração o desenvolvimento ao longo das aulas. Farei uma coleta de dados que é constante, ajustando o modo de mediar, na linguagem, explicação, contextualização conforme o necessário fornecendo um retorno aos alunos sobre suas reflexões e participações, desde a participação em falas mas também em escuta ativa e olhares participativos. Luckesi em seu livro “avaliação de aprendizagem: componente de ato pedagógico” vai contextualizar alguns critérios dos processos de avaliação que compõe uma coleta de dados que seguem quatro princípios:

- 1) Avaliação do *contexto*, que diagnostica a ambiência em que uma ação qualquer vai ser desenvolvida, tendo em vista a definição das especificações do projeto. Portanto, antes da ação;
- 2) Avaliação das *entradas*, que diagnostica os insumos, os recursos que serão utilizados na ação (elas são necessárias e suficientes?);
- 3) Avaliação do *processo* de execução da ação, que acompanha e, se necessário, reorienta o seu curso;
- 4) Por último, avaliação do *produto* obtido ao final da ação, que diagnostica e testemunha a qualidade dos resultados finais. (Luckesi, 2011, p.366)

A partir desses critérios, a avaliação será considerada pelo contexto, antes da ação, em demonstração de interesse, curiosidade, escuta ativa, olhares atentos, participação verbalizada de reflexões; também vou considerar as entradas, minhas aulas possuem uma diversidade de materialidade, mas o ponto não é utilizar todas, é uma experimentação, um contato, e o aluno pode utilizar aquele que mais se adequar, podendo sair da zona de conforto ao experimentar novidades e isso conta como participação, mas também tomando decisões nas escolhas ao se conectar a algum recurso. Avaliação do processo, acompanhando de perto todo o processo para perceber as dificuldades e auxiliar caso necessário e identificar incompreensões ajustando formas de contextualizar para melhor entendimento do aluno. E por fim, uma avaliação do produto final que são as atividades desenvolvidas, se conseguiram cumprir o que foi proposto, quais caminhos de interpretação o aluno chegou em seu entendimento e contendo o resultado final da pesquisa se atingiu as intenções esperadas.

7. REFERÊNCIAS

Daniel dos Santos, Jonatha; Alonso Alves, Rozane. Descolonização de nós mesmos e possibilidades de construir caminhos metodológicos bricolados. *Perspectiva*, [s. l.], v. 41, n. 1, 2023. DOI: 10.5007/2175-795X.2023.e85968. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/85968>. Acesso em: 26 ago. 2024.

Dias, Marileide. Rónai Pál: conflitos entre a profissionalização do tradutor e a teoria e prática da tradução. 1999. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1999.

Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 43. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

Luckesi, Cipriano Carlos. *Avaliação da aprendizagem: componente do ato pedagógico*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

Moraes Filho, Evaristo de (Org.). *Simmel – Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, v. 34). p. 182-188.

8. APÊNDICE D



Figuras 1 e 2: (Acervo pessoal).



Figuras 3 e 4: (Acervo pessoal).



Figura 5: Kelly Wendt. Cartões Postais. 2009. Fonte: instagram Kelly Wendt.

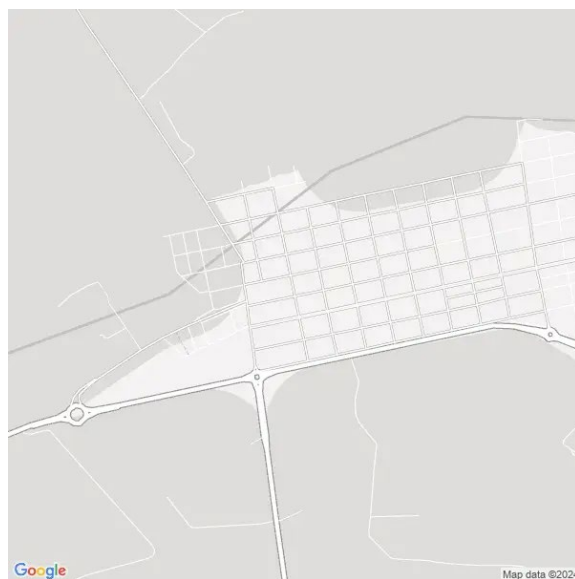


Figura 6: (mapa google maps).



Figuras 7 e 8: (Acervo pessoal).

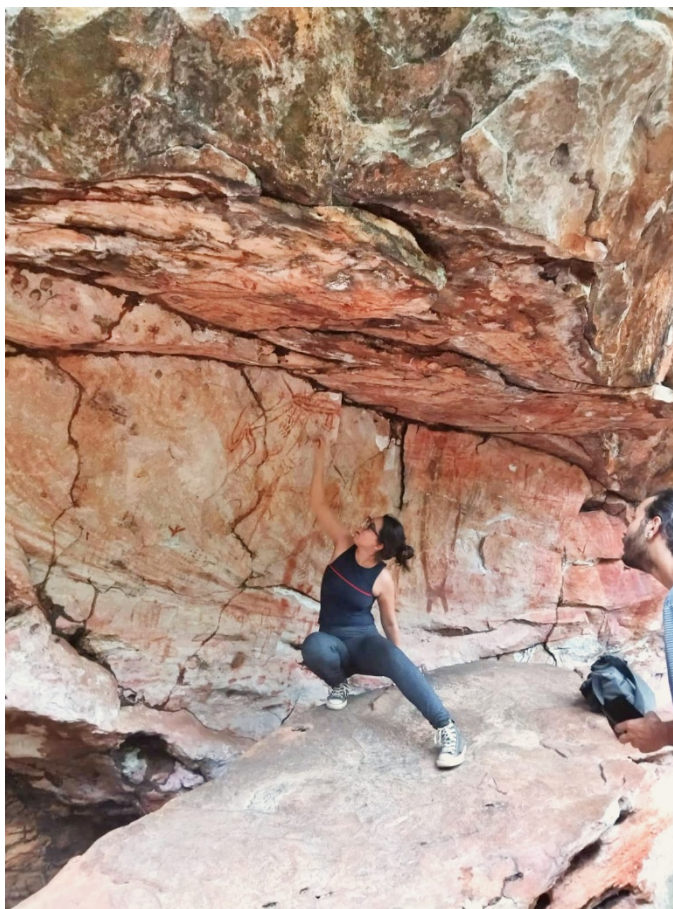


Figura 9: (acervo pessoal).



Figura 10: (Acervo pessoal).



Figura 11: (Acervo do Grupos Mãos que Moldam em Alcinópolis).

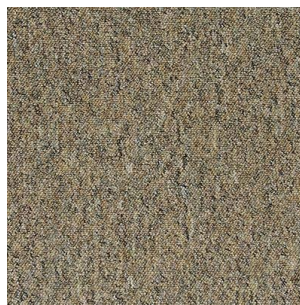


Figura 12, 13 e 14: (carpetes, imagens retiradas do google imagens).



Figuras 15 e 16: (referência desconhecida, retirada do site Pinterest).



Figura 17: (referência desconhecida, retirada do site Pinterest).